



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
FELIPE CARVALHO MONTEIRO

PROPAGANDA IDEOLÓGICA E ASCENÇÃO DO PARTIDO NAZISTA AO PODER
NA REPÚBLICA DE WEIMAR/ALEMANHA: A ECLOSÃO DO OVO DA
SERPENTE

Tubarão
2017

FELIPE CARVALHO MONTEIRO

**PROPAGANDA IDEOLÓGICA E ASCENÇÃO DO PARTIDO NAZISTA AO PODER
NA REPÚBLICA DE WEIMAR/ALEMANHA: A ECLOSÃO DO OVO DA
SERPENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de História da Universidade do Sul
de Santa Catarina, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduado em História.

Orientador: Prof. Cláudio Damaceno Paz, Ms.

Tubarão

2017

FELIPE CARVALHO MONTEIRO

**PROPAGANDA IDEOLÓGICA E ASCENÇÃO DO PARTIDO NAZISTA AO PODER
NA REPÚBLICA DE WEIMAR/ALEMANHA: A ECLOSÃO DO OVO DA
SERPENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de História da Universidade do Sul
de Santa Catarina, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduado em História.

Tubarão, 07 de julho de 2017.

Professor orientador Cláudio Damaceno Paz, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Flávio Alexandre Hobold, Esp.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Clóvis Silva, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, aos meus amados pais Maria Aparecida e Antônio. Sem seus incentivos, apoio e compreensão não seria possível colher os frutos do trabalho árduo empenhado nessa etapa da minha vida. A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos a mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a uma força maior, que chamamos de Deus. Temo que sem sua orientação eu não estaria aqui, dotado de saúde, sabedoria e disposição para alcançar mais uma vitória em minha vida. Pois sem a sua ajuda, a sua direção e o seu agir eu não teria capacidade para continuar em frente, por se fazer presente em todos os momentos árduos e prazerosos, nos momentos incertos e oportunos, nos momentos penosos e abençoados.

Agradeço aos meus pais que com toda humildade e simplicidade me ensinaram a ser uma pessoa decente a respeitar e buscar meus sonhos de forma honesta. Mostraram - me que a vitória é conquistada, ainda que seja com muito trabalho, sem nunca passar por cima de nenhum semelhante. Agradeço também a meu avô, infelizmente já falecido, e sua esposa por estar ao meu lado todo esse tempo me dando força, apoio e confiança. Ajudando-me a forjar meu caráter e hombridade, dou-lhes crédito, ainda, pelo tempero gasto em meu cerne. Sem estes itens creio que não seria o homem que hoje sou.

Agradeço aos professores do Curso que me ajudaram e guiaram por toda esta trilha desbravada com seu auxílio, são exemplos não apenas profissionais, mas também de vida. Entre tantos outros profissionais docentes que se fizeram presentes em todos os níveis do meu caminhar. E, principalmente, ao meu Professor e Orientador, Cláudio Damasceno Paz, a quem devo agradecer pela paciência e compreensão que teve para comigo durante o período em que me acompanhou e que estivemos juntos realizando esta etapa da minha vida.

Agradeço a todos meus amigos e colegas por confiarem em mim, sempre me dando forças para não desistir. Em especial, agradeço a dois grandes colaboradores que estiveram, ou ainda estão me apoiando nesta caminhada, Paula Felipe e sua extraordinária presença em minha vida, Marcelo Furtuoso, por ser este excelente amigo e apoiador para todas as horas. Agradeço por serem estas pessoas maravilhosas e continuem assim, sempre.

“Palavras constroem pontes em regiões inexploradas”. (Adolf Hitler).

RESUMO

O presente estudo monográfico tem o propósito de mostrar a propaganda ideológica nazista como parte importante e operante da máquina organizacional Alemã. De modo que com sua propaganda partidária, discursos inflamados e resquícios de vingança entre o povo possibilitaram a ascensão de Hitler ao poder. Com o propósito de recriar o quadro geral em que tais acontecimentos foram possíveis, faremos uma viagem que perpassa pelo imperialismo europeu, pela primeira guerra mundial e pelo tenso clima do período entre guerras (1919 a 1939), visando a possibilitar uma compreensão possível da realidade do povo alemão no período do pós-I Guerra Mundial, no contexto da República de Weimar. O que se pretende é provocar reflexão sobre o protagonismo, ou não, das massas alemãs no movimento nacional-socialista. Com base nessas premissas veio a ideia da temática para a referida monografia “Propaganda Ideológica e Ascensão do Partido Nazista ao Poder na República de Weimar/Alemanha: a eclosão do ovo da serpente”. Nessa perspectiva, procurou-se investigar de modo mais pontual as questões que envolveram a ascensão da máquina nazista.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial. Nazismo. República de Weimar. Propaganda Ideológica.

ABSTRACT

The present monographic study has the purpose of showing the nazi ideological propaganda as an important and operating part of the German organizational machine. So with its party propaganda, inflamed speeches and remnant of revenge between the people possibilitated Hitler's ascension to the power. With the purpose of recreating the general picture where such events were possible, we will make a trip that passes through the european imperialism, World War I and the tense atmosphere of the period between wars (1919 to 1939), making possible the understanding of the reality of the German people in the period after the World War I, in the context of the Weimar Republic. What is intended is to provoke reflection about the protagonism, or not, of the German masses in the national-socialist movement. Based on these premises came the idea of the thematic for the referred monograph "Ideological Propaganda and Ascension of the Nazi Party to the Power in the Weimar/German Republic: the eclosion of the serpent's egg". On this perspective, this work focused on investigating, in a more punctual way, about the questions that involve the ascension of the Nazi machine.

Keywords: World War I. Nazism. Weimar Republic. Ideological Propaganda.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA.....	11
1.2 JUSTIFICATIVA.....	11
1.3 OBJETIVOS	12
1.3.1 Objetivo Geral	12
1.3.2 Objetivos Específicos.....	12
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
1.5 DESENVOLVIMENTO CAPITULAR DO TRABALHO.....	13
2 OS ESCOMBROS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914-1918) E A ORIGEM DO NAZISMO COMO IDEOLOGIA POLÍTICA.....	14
2.1 O CHOQUE DE IMPERIALISMOS E A I GUERRA MUNDIAL (1914-1918)	14
2.2 A ALEMANHA NA I GUERRA MUNDIAL (1914-1918): O “INIMIGO” A SER ABATIDO	19
2.3 O TRATADO DE VERSALHES E A HUMILHAÇÃO ALEMÃ.....	27
2.4 A CRIAÇÃO DA REPÚBLICA DE WEIMAR E OS IMPASSES DECORRENTES.....	29
2.5 OS IMPACTOS DA I GUERRA MUNDIAL (1914-1918) SOBRE A QUALIDADE DE VIDA DOS ALEMÃES E AS TENSÕES NAS RELAÇÕES SOCIAIS.....	33
2.6 EM MEIO ÀS RUÍNAS DA I GUERRA MUNDIAL (1914-1918) O NASCIMENTO DO PARTIDO NAZISTA	36
3 A PROPAGAÇÃO DO NAZISMO COMO IDEOLOGIA POLÍTICA E AS ESTRATÉGIAS DO PARTIDO NAZISTA PARA CHEGAR AO PODER NA REPÚBLICA DE WEIMAR/ALEMANHA	42
3.1 A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E AS ESTRUTURAS DE PODER NA REPÚBLICA DE WEIMAR.....	42
3.2 IDEOLOGIAS POLÍTICAS E AS ORIGENS DO NAZISMO	45
3.3 O PARTIDO NAZISTA E SUAS ESTRATÉGIAS PARA CHEGAR AO PODER NA REPÚBLICA DE WEIMAR	47

3.4 O “MEIN KAMPF” COMO SÍNTESE DA IDEOLOGIA NAZISTA E INSTRUMENTO DE PROPAGANDA POLÍTICA DO PARTIDO NAZISTA	52
3.5 OS INSTRUMENTOS DE PROPAGANDA IDEOLÓGICA, ALÉM DO MEIN KAMPF, UTILIZADOS PELOS ESTRATEGISTAS DO NAZISMO PARA CONVENCER E MOBILIZAR OS ALEMÃES PARA A ADESÃO AO PROJETO NAZISTA DE PODER..	57
3.6 A ECLOSÃO DO OVO DA SERPENTE: HITLER CHEGA AO PODER E O MUNDO MERGULHA NUMA OUTRA GUERRA.....	63
4 CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS	73

1 INTRODUÇÃO

Aqui serão apresentados os principais aspectos inerentes ao plano introdutório, seguindo pela ordem de tema, descrição da situação problema, procedimentos metodológicos e desenvolvimento capitular do trabalho. Desse modo, está contido o primeiro capítulo que contextualiza os passos iniciais deste estudo monográfico.

1.1 DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA

O século XX foi um período marcado por grandes avanços tecnológicos, conquistas das civilizações, alguns retrocessos, e pela formação de blocos políticos e econômicos poderosos. Neste cenário, como recorte para este estudo monográfico, evidenciamos o Nacional-Socialismo, comumente conhecido como Nazismo. Com base no exposto, apresenta-se a seguinte delimitação temática de pesquisa: Propaganda ideológica e ascensão do partido nazista ao poder na república de Weimar/Alemanha. Todavia para corroborar com o tema aqui proposto e incentivar os processos investigativos e o fazer universitário, estabeleço a seguinte questão-problema: Qual a real influência da propaganda na dinâmica do movimento nazista liderado por Adolf Hitler?

1.2 JUSTIFICATIVA

O presente tema se justifica pela importância que representa ao campo histórico, principalmente pelo fato de entendermos o real poder da propaganda embebido em ideias e ideologias produzidas por “poucos” para “muitos”. Romanticamente arrebatada pelos incendiários discursos de Adolf Hitler, reputado, muitas vezes, como o responsável pelos discursos mais inflamados e eloquentes da História. A Alemanha emerge do caos e surpreende, tornando-se a mais poderosa máquina de guerra do Planeta. Direta e indiretamente, todo sentimento de angústia, revolta e revanchismo alemão foi canalizado pelo Partido Nazista.

Sendo assim, o presente estudo monográfico vem com a proposta de discutir sobre a atuação da propaganda em relação ao poder conferido por um povo abalado em momento de crise a um grupo que se apropria do poder do Estado e encaminha o povo para uma situação trágica como a caracterizada pelas ações que assombraram o mundo no segundo quartel do século XX.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender a influência da propaganda na dinâmica do Partido Nazista e sua influência sobre a sociedade alemã, capaz de produzir consenso em torno da implantação de um regime totalitário, liderado por Adolf Hitler, que mergulhou a Alemanha e o mundo num evento com características de verdadeira tragédia, com vistas a alertar os que lerem este estudo sobre os riscos de um povo depositar suas esperanças de solução dos seus problemas num sujeito desconhecido que se apresenta como um super-homem.

1.3.2 Objetivos Específicos

Com o intuito de alcançar o objetivo geral, são propostos os seguintes objetivos específicos:

- a) Caracterizar o choque de imperialismos do século XIX;
- b) Determinar o protagonismo alemão na primeira guerra mundial;
- c) Definir as relações socioeconômicas alemãs no cenário europeu do entreguerras;
- d) Discorrer sobre a origem e as bases políticas do Partido Nacional-Socialista Alemão.
- e) Destacar a figura de Adolf Hitler na engrenagem do movimento nazista.
- f) Caracterizar a reação do povo alemão frente à divulgação da ideologia Nazista;
- g) Discutir a influência da propaganda na dinâmica do movimento nazista de Adolf Hitler.
- h) Caracterizar a chegada de Hitler ao poder e suas ações que levaram os alemães e o mundo à segunda Guerra Mundial.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método de abordagem que se aplicará na pesquisa é o do tipo dedutivo, uma vez que se analisarão documentos, inerentes às normas e leis, e doutrinas vinculadas ao tema proposto no projeto. O procedimento será, portanto, do âmbito geral para o específico.

A pesquisa proposta para o trabalho monográfico, quanto ao seu objetivo, será a do tipo exploratória. Envolve levantamento bibliográfico, sem desenvolver análises mais específicas ou pontuais. Quanto aos procedimentos na coleta de dados, serão aplicadas as pesquisas dos tipos bibliográfica e documental.

1.5 DESENVOLVIMENTO CAPITULAR DO TRABALHO

A etapa do desenvolvimento da presente monografia está estruturada em dois capítulos. No primeiro, caracterizam-se as políticas imperialistas do século XIX e sua repercussão até culminar na primeira guerra mundial. Aqui também é discutido o protagonismo alemão, as duras relações sociais, econômicas e culturais do pós-guerra e o nascimento do partido Nazista. No segundo capítulo, é discutida a propagação do nazismo como ideologia política e as estratégias do Partido para alcançar o poder na República de Weimar.

2 OS ESCOMBROS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914-1918) E A ORIGEM DO NAZISMO COMO IDEOLOGIA POLÍTICA

Neste capítulo, empreende-se um resgate das origens da I Guerra Mundial, enfatizando as razões que levaram a Europa a mergulhar num conflito sangrento que destruiu a ideia da guerra com ação heroica. A Alemanha é apresentada como o “inimigo” a ser abatido pelas forças da Entente. Analisam-se, também, as razões da derrota alemã e a imposição do Tratado de Versalhes. Empreende-se uma investigação sobre as origens do Nazismo no contexto tumultuado da República de Weimar a que fora reduzido o Império Germânico no pós- I Guerra Mundial.

2.1 O CHOQUE DE IMPERIALISMOS E A I GUERRA MUNDIAL (1914-1918)

Iniciada em meados do século XVIII, a Revolução Industrial criou as condições para a consolidação do capitalismo que, a partir do continente europeu, iniciou a empresa de dominação política, econômica e cultural da África, da Ásia e da América Latina. Segundo Hobsbawm “A economia de capitalismo da Era dos Impérios penetrou e transformou praticamente todas as partes do globo”. (1995, p. 202)

Visto que na última metade do século XIX o capitalismo tomou tal impulso em função da industrialização, do avanço das comunicações, dos transportes, do progresso técnico-científico, todos os fatores interligados, avançando em largos passos para o futuro, tornando-se efeito e causa do poder hegemônico do capital. Ao mesmo tempo em que resultaram da aplicação de capitais em pesquisa científica, os referidos fatores do avanço do capital provocaram um fabuloso acúmulo de riquezas nos países centrais, tais como Inglaterra, Bélgica, França, Itália, Alemanha, Estados Unidos e Japão. Como nos mostra Hobsbawm (1995, p. 198-199):

Durante o século XIX, alguns países, sobretudo aqueles às margens do Atlântico Norte, conquistaram o resto do globo não europeu com ridícula facilidade. [...] O capitalismo e a sociedade burguesa transformaram e dominaram o mundo, e ofereceram o modelo para os que não queriam ser devorados ou deixados para trás pela máquina mortífera da história.

Com o propósito de garantir e reservar seus mercados internos para as suas próprias indústrias, os países do velho continente adotaram, para assegurar sua proteção e visando ao desenvolvimento de suas próprias indústrias em detrimento de outrem, um conjunto de medidas protecionistas ao marcharem rumo à industrialização. Em decorrência,

passaram a necessitar evidentemente de mercados, matérias-primas e áreas de investimentos com retorno garantido para seus capitais. Temos aqui, então, a necessidade de expansão em direção a novos mercados África, Ásia e América Latina. Contudo, o expansionismo dessas nações pode ser dividido entre dois modelos, imperialista e neocolonialista.

O imperialismo tem seu caráter baseado na dominação econômica, respingando politicamente e culturalmente, de um país para o outro. Já o neocolonialismo tem um caráter “mais rígido”, ele provém a total e imprescindível dominação de um país sobre outro. A exemplo disso, temos a África e a Ásia onde a maioria dos seus países foram violentados de tal forma, vítimas do neocolonialismo, pois seus territórios foram dominados, violados e submetidos no plano militar, político, econômico, administrativo e cultural.

Em sua obra “Imperialismo: um estudo”, Hobson definiu o Imperialismo como “um processo social parasitário, através do qual, interesses econômicos existentes no interior do Estado, usurpando as rédeas do governo, promovem a expansão imperialista para explorar economicamente outros povos, de modo a extorquir-lhes a riqueza para alimentar o luxo nacional” (HOBSON apud HUNT, 1982, p. 379).

Na segunda metade do século XIX, o colonialismo teve um revés no plano dos países que lideravam esse bloco, pois uma nova divisão econômica e política que estava surgindo eram as potências capitalistas em ascensão. Tais potências, compostas por Reino Unido, Estados Unidos e Alemanha, experimentam um novo fôlego, um auge dourado em termos industriais e econômicos. A partir de 1870, entram também em ascensão político-econômica de teor mundial, França, Japão, Itália e Rússia, competindo veementemente pelo total controle das fontes de matérias-primas e pelos mercados consumidores imprescindíveis para suas políticas econômicas externas.

O forte crescimento industrial a partir de 1870 traz à tona uma competição exacerbada por mercados consumidores. É aqui que podemos evidenciar a criação de um novo tipo de capitalismo, o capitalismo monopolista. A corroboração da crise econômica de superprodução que estava intensificando-se em alguns países do velho continente levou os governos destes, mais especificamente, da Inglaterra, da França, da Alemanha, dos Estados Unidos e na Ásia o Japão, a assumir uma política expansionista visando à busca de novos mercados consumidores para o escoamento de seus produtos e áreas de investimentos para o capital acumulado com grandes taxas de retorno e lucros, dando origem a um episódio de derradeira importância para compreendermos as bases do atrito entre as nações que estava por vir, o imperialismo.

Essa política resultou na transgressão, na violação e por fim no loteamento quase completa da África, fora um verdadeiro açougueiro retalhando uma peça bovina, e na ocupação de grandes porções territoriais na Ásia e/ou sua subordinação, passível à influência europeia que detinha grande poder como nos conta Hobsbawm (1995, p. 205):

Praticamente todas as partes da Ásia, África e América latina/Caribe eram e sentiam-se dependentes do que acontecia nuns poucos Estados do hemisfério norte, mas (fora das Américas) a maioria deles era também ou propriedade deles, ou administradas, ou de outro modo dominadas e comandadas por eles. Isso se aplicava mesmo às que mantinham suas autoridades nativas [...].

Sempre com a ideia voltada para o capital e como, utilizando de todos os meios possíveis e cabíveis à época, fazê-lo dobrá-lo, triplicá-lo, enfim obter um massivo lucro em detrimento de seus investimentos preliminares. Esta era a incessante busca da burguesia que por sua vez passou a financiar expedições para fundar minas e explorá-las, incentivar as monoculturas, promover obras de plano estrutural para um elevado melhoramento das regiões que estavam sob seu controle, a eletrificação de cidades e a construção de portos, pontes, canais e ferrovias, tudo visando ao melhor trâmite de mercadorias nas colônias voltadas para o mercado exportador, modernizando assim as mais diversas regiões. Essa dominação subsidiada pelo Imperialismo, juntamente com a interferência política traz à luz uma nova forma de Colonialismo.

O Estado, que tinha como característica principal preservar a propriedade e a segurança de seus cidadãos era transloucado de seus deveres de proteção nos limites de seus territórios e lhe eram dadas mais tarefas do que necessário. Ele agora deveria apoiar e proteger as políticas imperialistas, garantindo o capital de seu povo, empresas, bancos, enfim de sua nação investido fora da Europa. "Nesse momento, ela (a burguesia) abandona a postura liberal, ou seja, de não intervenção do Estado em questões econômicas, para preservar sua taxa de lucro, deixando também de ser pacifista e humanista". (ARENDDT, 1978, p. 201.)

Nesse mundo europeu construído às bases das políticas Imperialistas, ter colônias era necessário, e aqueles que as tivessem eram reafirmados como potências e tinham esse "status" justificado por tal posse. Em contra partida não possui-las era reconhecer perante o "mundo civilizado" inferioridade em relação a este círculo de países industrializados. Haja vista que com todas essas relações de poder entre Estado e povo, entre dominante e dominado, em que a razão prioritária era proteger os interesses capitalistas alheios ao Estado, vem desenvolvendo um sentimento de nacionalismo e se transformando em uma política nacional seguida posteriormente por todos os Estados europeus. Financiados por fundos públicos e apoiados pela criação de mecanismos político-administrativos nas regiões colonizadas.

“Nesses últimos anos [...] todos os lugares vagos do globo foram tomados pelas potências da Europa ou da América do Norte.” (JUARÉS, 1977, p. 18).

Logo após a unificação, em 1870, a Alemanha iniciou um processo de grande desenvolvimento industrial, passando assim a concorrer e disputar os mercados com os ingleses. Neste sentido, a ascensão da Alemanha preocupava os capitalistas ingleses como também seus investimentos em torno das colônias. Seu poderio político e de influência estava colocando em risco a hegemonia Inglesa.

Lutando por uma nova divisão de poder no mundo, para, desse modo, consolidar seu poder como uma potência em ascensão, a Alemanha iniciou uma série de ações, dentre as quais se destaca a expansão marítima com o desenvolvimento de uma imensa frota naval e várias companhias de navegação, colocando-se como verdadeiro rival comercial dos ingleses nas águas oceânicas. Neste cenário, Broard (1972, p. 103) traz um discurso de Winston Churchill em que ele alerta para o perigo alemão nos seguintes termos:

As intenções da potência naval britânica são essencialmente defensivas. Não temos nem teremos jamais qualquer pensamento agressivo. Não atribuímos tais intenções às outras grandes potências. No entanto existe uma diferença entre a potência naval Inglesa e a de um grande império amigo. A marinha inglesa é para nós uma necessidade enquanto que sob certos pontos de vista a marinha alemã é para a Alemanha, sobretudo um produto de luxo. A nossa potência naval assegura a própria existência da Grã-Bretanha. Para nós trata-se de uma coisa vital. Para a Alemanha trata-se de expansão.

Há, também, um plano para consolidar definitivamente seus intentos capitalistas e expansionistas, a saber, a construção de uma ferrovia ligando Berlim a Bagdá.

Ainda, conforme Broard (1972), a França também se opunha fortemente à estrela em ascensão alemã devido, em parte, aos seus interesses econômicos e o receio da concorrência de uma nova potência. E em outras, pelo revanchismo e suas questões inacabadas em virtude das disputas pela região da Alsácia-Lorena, que era primeiramente um território francês, rico em minas de ferro e carvão fundamentais a qualquer indústria e principalmente ao desenvolvimento econômico do país. Houve a perda desse território para os alemães, decorrente da derrota na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871). Inconformados, os nacionalistas franceses pregavam o revanchismo e a recuperação dos territórios perdidos.

Dentre todas as paixões francesas, uma era ampla e absolutamente difundida entre todos os segmentos sociais: “o revanchismo antigermânico, o desejo de apagar a humilhação de Seban e de recuperar as províncias da Alsácia-Lorena, compulsoriamente cedidas ao odiado ‘boche’”. (RODRIGUES. 1985, p. 18)

Em 1905, um descontentamento francês ataca a região de interesse da Alemanha na África, desenvolvendo a crise do Marrocos (1905-1911). No entanto, no início do século XX, Inglaterra, França e Alemanha acordaram sob os ditos de exploração do Marrocos, país ao norte da África. Entretanto, França e Inglaterra não honraram esse acordo, ficando a cargo dos franceses a exploração marroquina com apoio direto dos ingleses, de acordo com Rodrigues (1985).

O imperador Guilherme II, um ano após o acordo, e em meio a esse cenário tumultuado, fez uma visita ao Marrocos e declarou que os alemães defenderiam aquela região, e iriam às armas se necessário fosse. Essas declarações geraram um profundo descontentamento, acirrando os ânimos entre as nações envolvidas. Finalmente a França anexou o Marrocos, porém, cedeu parte do Congo francês a Alemanha. Segundo Rodrigues (1985, p. 20), “consciente dos perigos que o agressivo imperialismo alemão representava para os seus interesses nacionais e pretensões imperialistas, a França logo firmaria acordos políticos e militares com a Rússia e a Inglaterra.”

As tensões no continente europeu aumentavam a cada dia, mês e ano que passava. As ambições imperialistas associadas ao forte nacionalismo exaltado destilavam todo um clima internacional de tensões e agressividade. Era o fôlego que se toma antes do mergulho, sabia-se que a guerra entre as potências mundiais poderia explodir a qualquer momento. Para tentar prevenir-se diante do risco da guerra, fora estimulada a produção de armas e fortalecimento de seus exércitos. Um período de Paz Armada teve início no continente europeu, entre 1870 e 1914, explica Rodrigues (1985).

Temos nesse período muitas negociações bilaterais entre governos a fim de elaborar tratados de alianças para protegerem-se uns aos outros. Procuraram, por meio dessas alianças, adquirir forças para enfrentar o país rival. Podemos distinguir a formação de dois blocos distintos ao final dessas tramas e enredamentos governamentais: a Tríplice Aliança, formada por Alemanha, Áustria e Itália e a Tríplice Entente, formada por Inglaterra, França e Rússia.

Rodrigues (1985, p. 29) afirma que:

o colapso da diplomacia [...] levaram à formação, no Velho Continente, de dois sistemas de alianças antagônicas e potencialmente conflitantes: de um lado, a Tríplice Entente (Inglaterra, França e Rússia) e do outro, os Impérios Centrais (Alemanha, Áustria-Hungria e Turquia).

Por consequência desses acordos e alianças forjadas pelos ânimos acirrados em cada país, a fim de proteger-se do inimigo e fortalecer a si próprio e seus aliados, os focos de

tensões e a disputa pela supremacia conduziram a Europa à corrida armamentista, com referido anteriormente. Os ânimos estavam aflorados, os povos rivalizados, mas as rixas não passavam de impasses por interesses econômicos e disputas diplomáticas e políticas.

Voltando aos antecedentes dessa crise, temos, em 1906, a Áustria anexando os territórios da Bósnia e Herzegovina, impedindo, assim, o crescimento da Sérvia. Acentuando a rivalidade existente entre a Áustria-Hungria e a Sérvia. Contudo os sérvios passaram a expandir-se para o sul, sendo barrados pelo Império Turco onde tal atrito aflorou os ânimos e desencadeou guerras, entre 1911 e 1913, saindo assim a Sérvia com um saldo positivo político-economicamente dessas batalhas.

Os sérvios triunfantes sobre as guerras balcânicas voltaram-se novamente contra a Áustria, intensificando o nacionalismo dos eslavos, dominados pelo Império Austro-Húngaro, na Bósnia e Herzegovina.

O futuro governante do Império Austro-Húngaro, o arquiduque Francisco Ferdinando, a fim de cessar as rivalidades, planejava transformar essa monarquia dual existente até então em uma monarquia tríplice. Contudo isso não era interessante para os separatistas eslavos.

No dia 28 de junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando, em visita política a Sarajevo, capital da Bósnia, foi emboscado e assassinado juntamente com sua esposa. A responsabilidade do atentado à família real foi atribuída ao estudante bósnio Gabriel Princip, membro de uma sociedade secreta Sérvia, a Mão Negra. Um mês depois do ocorrido, a Áustria declara guerra a Sérvia, que contava com o apoio Russo. O incidente de Sarajevo foi o estopim que estourou o barril de pólvora chamado Europa. A crise balcânica de 1914 desencadeou A Primeira Grande Guerra, entre a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente, ocorrendo, portanto, pela rivalidade entre os nacionalismos e o choque de imperialismos.

2.2 A ALEMANHA NA I GUERRA MUNDIAL (1914-1918): O “INIMIGO” A SER ABATIDO

A Primeira Guerra Mundial é considerada um marco no início do século XX. Foi a partir desta Guerra que novas correlações de forças estabeleceram-se no mundo, marcando o declínio da Europa e a ascensão dos EUA à condição de principal potência mundial. Decorreu, antes de tudo, das tensões acirradas pelas disputas por colônias entre os jogadores do velho continente. Não obstante, além do jogo de poder acima referido também temos outros fatores que desencadearam o conflito. Destacam-se o revanchismo francês na questão

da Alsácia-Lorena contra a Alemanha, a "Questão Balcânica" e a corrida armamentista anglo-germânica. Rodrigues nos indica que “a primeira guerra mundial foi, sem dúvidas, produto da combinação de competição econômica, chauvinismos nacionais, rivalidades imperialistas e dos sonhos expansionistas das nações mais poderosas.” (RODRIGUES, 1985, p. 30).

Conforme Hobsbawm (2012), além destas questões econômicas, havia focos de conflito que transpareciam no plano político. Movimentos nacionalistas surgiam nas mais variadas regiões, com o objetivo de agrupar, sob um mesmo Estado, povos de mesmas raízes culturais. Temos o Pan-eslavismo, liderado pelo Império Russo. O Pan-Germanismo, liderado pela Alemanha e o Revanchismo Francês.

A palavra "nacionalismo", embora originalmente descrevesse apenas uma versão de direita do fenômeno, provou ser mais conveniente do que o desajeitado "princípio de nacionalidade" que fora parte do vocabulário da política europeia desde 1830; e assim veio a ser utilizada igualmente para todos os movimentos que consideravam a "causa nacional" como de primordial importância política: mais exatamente, para todos os que exigiam o direito à autodeterminação, ou seja, em última análise, o direito de formar um Estado independente, destinado a algum grupo nacionalmente definido. O número de tais movimentos ou, pelo menos, dos líderes que afirmavam falar por eles, e sua significação política aumentariam de modo impressionante nessa época (HOBSBAWM, 2012, p.119).

Havia todo um clima de tensões e agressividade fomentado pelas ambições imperialistas ligadas ao nacionalismo exaltado. Era visível o triste e aterrorizante futuro da Europa, pois se sabia que a guerra entre as grandes potências poderia explodir a qualquer momento. Em vista desse perigo eminente, as potências destinaram investimentos pesados nas indústrias armamentistas a fim de fortalecer seus exércitos, como esclarece Hobsbawm (2012, p. 269):

Assim, de uma forma ou de outra, os Estados eram obrigados a garantir a existência de poderosas indústrias nacionais de armamentos, a arcar com boa parte do custo de seu desenvolvimento técnico e a fazer com que permanecessem rentáveis. Em outras palavras, tinham que proteger essas indústrias contra os vendavais que ameaçavam os navios da empresa capitalista que singravam os mares imprevisíveis do mercado livre e da livre concorrência. É claro que eles mesmos também podiam se envolver na fabricação de armas, como o fizeram por muito tempo. Mas nesse exato momento os Estados - ou ao menos o Estado liberal britânico - preferiram “chegar” a um acordo com a empresa privada.

Temos, então, a elaboração de diversos tratados e frouxas alianças, forjadas por medos e interesses dos mais diversos possíveis. Sempre procurando adquirir mais força para poder enfrentar o rival com facilidade. Ao final de muitas e complexas negociações bilaterais apresentam-se dois blocos distintos e antagônicos a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente.

Em sua primeira fase a I Guerra Mundial foi marcada por imensa movimentação dos exércitos combatentes. A chamada guerra de movimento, por assim dizer. Como nos esclarece Rodrigues (1985) foi um período caracterizado por rápidas investidas. Os alemães invadiram a Bélgica, e vale lembrar o heroísmo dos homens principalmente em Liège, que possibilitaria a plena mobilização dos franceses e dos russos.

No dia 4 de agosto de 1914, em plena madrugada, cinco poderosos e bem equipados exércitos alemães, totalizando um milhão e meio de soldados, penetraram através do território belga, considerado até então neutro. A poderosa frente direita do exército alemão tinha o objetivo primordial de realizar uma ampla manobra, que culminaria na derrocada dos exércitos franceses estacionados na fronteira franco-belga.

Ainda conforme Rodrigues (1985), o General Helmut Johann von Moltke, então chefe do Estado-Maior alemão, fora obrigado a alterar o plano original, mesmo assim via que suas tropas estavam obtendo os resultados esperados. Mesmo com superioridade inicial esta começou a ser ameaçada pelo engajamento do exército belga e pela chegada de reforços do corpo expedicionário britânico, rapidamente desembarcado com maestria na região.

Contando com 78 divisões, os alemães teriam que enfrentar 104 das do inimigo. Mas como Rodrigues (1985) afirma, apesar dos esforços franceses, 78 divisões germânicas armadas com artilharia pesada, chegaram às vizinhanças de Paris. Depois de frustrarem as tentativas de ofensivas francesas em Mulhouse e na Lorena, ocuparam toda a região que vai das proximidades de Paris a Verdun. Caíram sob seu controle 80% das minas de carvão, quase todos os recursos siderúrgicos e as grandes fábricas do Noroeste francês.

Um grande erro de comunicação entre as tropas do I Exército, sob comando de Alexander von Kluck e do II Exército, liderado por Dietrich von Bülow possibilitou que os franceses impossibilitassem o avanço do exército alemão para deferir um ataque sobre sua capital. O General Joseph Galliéni, com extrema destreza percebeu a falha dos alemães e solicitou reforços de emergência para o General Joseph Joffre, conforme Rodrigues (1985).

Utilizando-se das vias férreas para o deslocamento das tropas francesas, lançaram um contra-ataque na região do Rio Marne, entre os dias 6 e 9 de setembro. A chamada "Batalha do Marne" foi de extrema importância e impactou severamente os modos da guerra, teve um duplo significado: não só salvou a França de uma derrota, como alterou as regras da guerra aberta e de movimentação para uma entrincheirada. Todos os Altos Comandos deram-se conta da impossibilidade de se manter a guerra de movimento devido às extraordinárias baixas, segundo Rodrigues (1985, p. 51):

Graças à extrema habilidade do general Joffre, os alemães foram obrigados a recuar até o vale do rio Marne, verificando-se aí a primeira batalha do Marne, onde entraram em luta cerca de 2 milhões de homens. Não houve triunfos decisivos, mas o rápido avanço alemão tinha sido detido (RODRIGUES, 1985, p. 51).

Os terríveis efeitos que as armas da artilharia e as metralhadoras iriam impor sobre a infantaria não tinham sido medidos ainda. Nada havia se cogitado para as consequências que as armas de fogo, cada vez mais poderosas, fariam sobre os homens. Obrigando estes a refugiar-se em trincheiras ou então estaria sujeita a terríveis massacres.

Nos primeiros dias de agosto de 1914, muitos observadores e participantes se juntaram a Viktor Dankl no reconhecimento do início de uma “grande guerra” ou “guerra mundial”, do tipo que a Europa não via desde o final da época de Napoleão, um século antes. As Guerras Napoleônicas, e as guerras por império da Europa moderna, tinham apresentado uma ação em nível mundial em alto-mar e nas colônias, bem como nos campos de batalha europeus. Contudo, no final de agosto, o alcance e a intensidade do conflito em curso, no qual a maioria dos beligerantes já tinha perdido mais homens em uma única batalha, ou mesmo em um único dia, do que em guerras inteiras travadas durante o século XIX ou antes, levaram a maioria a reconhecer que estava testemunhando algo sem precedentes (SONDHAUS, 2013, p. 8).

A maioria do alto escalão, como todo o corpo militar e civil, acreditava que a guerra duraria entre 4 a 6 meses no máximo, sendo ridicularizado aquele que predizia o contrário, durar um ano ou mais, leciona Sondhaus (2013). Estavam fora de seus cálculos as pesadas taxas cobradas pelas armas modernas, as vidas seriam ceifadas de uma maneira jamais vista. Esses instrumentos tornaram inviáveis os deslocamentos desprotegidos, como Sondhaus (2013, p. 86) salienta sobre as suposições iniciais:

O tumulto que aconteceu na mobilização inicial – o maior empreendimento do tipo na história humana até então – fez com que milhões de homens vestissem fardas, sendo que a maioria deles esperava um resultado decisivo para, o mais tardar, o ano seguinte. Mas logo a ação estacou em todas as frentes, e no inverno do hemisfério norte de 1914 para 1915, degenerou para um conflito de disposições. O maior teste se deu na frente ocidental, onde a ação incluía os três beligerantes – Alemanha, França e Grã-Bretanha – com a maior capacidade de manter um esforço de guerra moderno. O relativo sucesso ou fracasso dos exércitos individuais nas campanhas de abertura dependia da eficiência de sua mobilização, seguida de comando-e-controle e de logística, uma vez que as tropas foram mobilizadas nas várias frentes. Em termos físicos e materiais, desde o início ficou claro que o tamanho absoluto de um exército, desde que bem suprido e bem liderado, tinha mais peso que seu elã ou vigor, e que a artilharia era mais importante do que se tinha imaginado. Os primeiros cinco meses de guerra deram alguma indicação dos horrores que estavam por vir: da carnificina no beco sem saída de frentes paralisadas às atrocidades contra civis na Bélgica e nos Bálcãs. Em face de uma guerra mais cara, em termos humanos e materiais, do que tinha sido previsto, os beligerantes não apenas persistiram na batalha, mas também elaboraram objetivos de guerra que impossibilitaram um acordo de paz.

De acordo com Sondhaus (2013), logo após a batalha do Marne começa o surgimento de trincheiras, os homens enterram-se para sobreviver à carnificina dos campos de batalha. Houve recuo alemão para regiões mais afastadas de Paris. Nesse sentido, 760 quilômetros de trincheiras haviam sido escavados no período do inverno de 1914-1915, partindo do Canal da Mancha até a Fronteira suíça. Em alguns pontos, a distância entre as linhas inimigas era quase mínima, chegando de 200 a 300 metros uma da outra, e em outros pontos eram distâncias consideráveis para serem percorridas pelos homens, chegando a quatorze quilômetros. Ao longo das trincheiras e dos anos de guerra homem algum havia sofrido tamanha provação perante a fome, o frio ou o terror dos combates. Em todas as batalhas que aconteceram nos anos de guerra, ao fim das batalhas, e de tal interminável e terrível guerra o saldo total seria o mais assustador, entretanto outro dado é de terrível importância e mórbido resultado. As linhas, durante todo o conflito foram alteradas pouco mais que 18 quilômetros. Nunca, em toda a história militar o preço fora pago em tais termos, tão alto custo de vidas sucumbidas por tão pouco.

Como demonstra Rodrigues (1985, p. 51):

a guerra estacionava em função do equilíbrio de forças. Ao longo de uma linha que ia do Mar do Norte até a fronteira com a Suíça, os exércitos se enterraram em trincheiras protegidas por arame farpado e “ninhos” de metralhadoras, contra os quais os meios ofensivos de então se revelaram inoperantes. Aos poucos, os jovens soldados franceses, ingleses e alemães vitimados por incontáveis sofrimentos físicos e morais, perderam o entusiasmo bélico dos primeiros dias de combates, passando a compreender a irracionalidade e falta de sentido daquela guerra.

Os homens obrigados a avançar pelos campos destruídos, buracos de morteiros, arame farpado e pedaços de companheiros, eram dizimados sistematicamente. Não é força de expressão, os padrões de guerras contemporâneos não conseguiam quantificar essa nova realidade. Para Remarque (1951), homens em pesada marcha enviados às posições inimigas sob campo aberto, o sol ao alto e os assobios dos bombardeios em seus ouvidos. Aqueles que são envolvidos em um conflito armado, por seu país, ou por qualquer outra razão, tem que se preparar para uma coisa a chances altas de nunca mais colocar os pés novamente no solo de sua casa. Quem fosse lutar na Primeira Guerra Mundial tinha isto muito bem delineado em suas mentes, não havia esperança de retornar. No entanto as condições das trincheiras eram igualmente imprevisíveis aos soldados.

Os efeitos produzidos (do bombardeio) são bastante lamentáveis. O recruta recém-chegado recomeça a inquietar-se, sucedendo o mesmo com os outros dois. Um deles escapa, desaparecendo a correr. Os dois outros nos dão trabalho. Precipito-me atrás do fugitivo sem sabem se lhe devo dar um tiro nas pernas. Ouço neste momento um

assobio; deito-me no chão e quando me levanto vejo a parede da trincheira coberta de estilhaços de obus, ensanguentada por pedaços de carne e de restos de uniforme. Volto para o nosso abrigo (REMARQUE, 1951, p.116).

Sondhaus (2013) informa que no ano de 1915 os ingleses em Ypres e os franceses na Campanha inutilmente tentam transpor as linhas inimigas. Ambos os lados tinham sua força equiparada, em outras palavras, ambos eram igualmente fortes para não se deixar derrotar tão facilmente, eis que a guerra chega a um impasse. Impasse este promovido devido às características da guerra de trincheiras, o elemento surpresa de operações táticas tornou-se inoperante devido a essas mesmas condições entrecerradas. Para romper as posições preparadas dos inimigos era necessária uma grande logística de fornecimento de projéteis para a retaguarda, em que eram preparadas as peças de campanha a fim de concentrar fogo de artilharia durante dias inteiros ininterruptos, dessa maneira combalindo as primeiras linhas, alertando assim a iminência do ataque. Dando ao defensor a vantagem de conhecer sua porta de entrada e preparar suas forças e terreno para a batalha que viria. Deslocava então suas tropas para a região ameaçada e terminava por rechaçar a ofensiva.

No início de 1916, os alemães tentaram romper as fortificações francesas em torno de Verdun. Comandados por Falkenhayn, avançaram pesadamente sob cobertura de artilharia amiga, porém menor do que usualmente utilizada. O poderoso ataque fora detido, em pouco mais de cinco meses os alemães tiveram baixas monstruosas, cerca de 337 mil soldados, enquanto os números dos inimigos eram igualmente assustadores, 377 mil, conforme Sondhaus (2013).

Em 18 de dezembro, quando os ataques finalmente terminaram, a linha de frente no centro do saliente no bosque de Caumieres ficou a apenas 800 metros ao sul do seu local original, mas os alemães ainda mantinham os ganhos a uma profundidade de 8 km em cada um dos flancos. Nos últimos dias da batalha, os franceses fizeram 11 mil prisioneiros e capturaram 115 canhões pesados. Os 10 meses de combates geraram 377 mil baixas francesas contra 337 mil alemãs. Oficialmente, os franceses reconheceram 162 mil mortes e os alemães, 82 mil, sendo provável que esta última cifra seja subestimada. A Batalha de Verdun foi a mais prolongada sangria geograficamente concentrada da guerra, já que quase todos os seus mortos caíram dentro de uma área de 26 km², na qual foram disparados 10 milhões de projéteis, equivalentes a 1,35 milhão de toneladas de aço. (SONDHAUS, 2013, p. 273).

Os franceses tentaram afastar os alemães de suas posições na região do Somme logo após terem rechaçado os inimigos em Verdun. De 24 de junho a 26 de novembro de 1916, contudo, em uma nova ação os anglo-franceses tentaram romper as linhas alemãs, mas a campanha é malograda e um novo fracasso repete-se, com perdas terrivelmente assombrosas.

A ação no Somme Finalmente terminou em 18 de novembro, um mês antes do final dos combates em Verdun. Embora tivesse sido uma batalha sobretudo britânica, as forças Aliadas envolvidas também incluíram 48 divisões francesas (muitas das quais também fizeram rotação, passando por Verdun). Contra eles, os alemães acabaram comprometendo 50 divisões próprias, duas a mais do que as que entraram em ação em Verdun. O custo humano no Somme excedeu as perdas da Batalha de Verdun, muito mais longa: 624 mil baixas Aliadas (420 mil britânicas e imperiais, 204 mil francesas), incluindo 146 mil mortos ou desaparecidos, contra 429 mil perdas alemãs, incluindo 164 mil mortos ou desaparecidos (SONDHAUS, 2013, p. 283).

O general Douglas Haig decidiu levar a cabo os planos iniciais de atacar as posições germânicas na região de Somme. Enquanto franceses e alemães se enfrentavam, pois, era preciso aliviar a enorme pressão sobre os franceses em Verdun, e para isso, nada melhor do que pressionar as linhas alemãs em um setor distante dali. Dessa forma, no dia 1º de Julho de 1916, os aliados deram início à ofensiva na região, de acordo com Sondhaus (2013).

Como resultado inicial, o primeiro dia de combate cessou com os alemães surpreendidos pelo ataque e abandonando suas posições iniciais. Contudo esse mesmo dia foi uma verdadeira catástrofe para os britânicos, pois em questão de horas tiveram mais de 70 mil baixas computadas. As perdas foram tão grandes que mesmo o pequeno sucesso inicial só foi alcançado graças à intervenção de uma das poucas unidades francesas que permaneceram em Somme, ainda segundo Sondhaus (2013).

Em Somme, de acordo com sondhaus (2013) a campanha prosseguiu até o dia 18 de novembro de 1916, quando os últimos disparos foram feitos. Após os combates, as perdas sofridas por ambos os lados deixaram até mesmo os generais mais linha-dura extasiados e perplexos. Os aliados tiveram cerca de 623 mil baixas, contra 465 mil dos alemães.

Ainda, conforme Sondhaus (2013), Verdun foi a batalha mais longa, e uma das mais devastadoras em termos de baixas, da Primeira Guerra Mundial e da história militar. O fogo de artilharia e o intenso uso de gases tóxicos fez com que muitos corpos simplesmente desaparecessem. Mas estima-se números de 337 mil, enquanto que as francesas 377 mil. Com os últimos disparos em Verdun, terminou o terrível ano de 1916, um dos mais sangrentos de toda a história.

A Rússia saiu da guerra pelo tratado de Brest-Litovsk, em 3 de março de 1918, quando Lenin fez enormes concessões territoriais. Com a saída dos russos da guerra os alemães mobilizaram seus soldados para o outro front. No entanto, a entrada inesperada dos EUA incapacitou retirar o real proveito das suas tropas recém-alocadas. Segundo Rodrigues:

No final de 1917, triunfa na Rússia a revolução bolchevique. [...] em março de 1918, pelo tratado de Brest-Litovski, a Rússia saía da guerra, permitindo que os alemães retirassem a maioria de suas tropas da frente oriental e as transferissem para o Ocidente. Este êxito germânico e a entrada dos Estados Unidos na guerra prenunciavam o término da “campanha das trincheiras” e o início de uma nova fase de poderosas ofensivas (RODRIGUES, 1985, p. 54).

Desde o início da guerra, os Estados Unidos da América permaneceram em uma posição de neutralidade, não interferindo diretamente na guerra. Contudo em 1917, sustentados por uma série de fatores como a guerra submarina total alemã, a perda de inúmeras vidas dos navios mercantes americanos provocaram calorosas manifestações do povo americano para a intervenção militar na guerra, conforme Rodrigues (1985).

Os banqueiros e empresários estadunidenses, leciona Rodrigues (1985), ofereciam apoio aos amigos do velho mundo. Sentindo seus capitais em relativo risco, pressionaram ainda mais a entrada na guerra. O Governo dos Estados Unidos declarou guerra à Alemanha e ao Império Austro-Húngaro no dia 6 de abril de 1917.

Em 1918, os alemães tentaram uma última grande ofensiva para romper as linhas inimigas antes que a chegada das tropas americanas tornasse inviável a vitória. No entanto, a Alemanha já estava exaurida de seu poder, de sua juventude. Os quatro anos de guerra lhe sugaram tudo, e ainda mais, pois o povo passava fome. Em julho do mesmo ano, ingleses, franceses e americanos desferiram sucessíveis golpes sobre as linhas alemãs, obrigando-as a recuar. O alto comando alemão aconselhou o governo a solicitar um armistício, eles foram deixados sozinhos sem condições de continuar a guerra, o golpe do martelo foi derradeiro com a entrada dos americanos no conflito. Sucessivamente, a Bulgária, a Turquia e o Império Austro-Húngaro depuseram armas e abandonaram a luta, conforme Rodrigues (1985).

Nas cidades alemãs, o descontentamento popular perante o Kaiser era gigantesco, multidões realizaram manifestações argumentando para o fim da guerra, pedindo o fim do desgaste do povo alemão e início de sua manutenção. Em 10 de novembro, o Kaiser embarca para seu exílio na Holanda, a república fora proclamada. A velha monarquia fora substituída pela República de Weimar, no dia seguinte, em 11 de novembro de 1918, na Floresta de Compiègne, mais precisamente em um vagão de trem posto lá, fora assinado e lavrado o documento que punha término oficialmente à guerra, conforme Rodrigues (1985).

A Alemanha havia assinado o tratado de paz, no entanto seu exército não se sentia derrotado. Uma vez que o inimigo não tivesse penetrado na Alemanha, ao término eles ainda ocupavam posições inimigas. Surgia uma perigosa teoria ali “a punhalada nas costas” que seria explorada ao decorrer da história.

2.3 O TRATADO DE VERSALHES E A HUMILHAÇÃO ALEMÃ

Vencida a guerra, cabia agora aos aliados conquistar a paz. De modo a garantir que os horrores da Grande Guerra fossem apenas uma lembrança do passado e, assim, assegurar que este conflito colocara um fim em todas as desavenças do velho continente europeu.

A justificativa do então presidente dos EUA, Woodrow Wilson, para os estadunidenses entrarem na guerra foi que, fossem para garantir uma paz verdadeira e duradoura, ou seja, assegurar que fossem à guerra para por um fim a todas as guerras. Nesse sentido, Wilson conseguiu apoio do Congresso para encaminhar uma proposta de quatorze pontos para manutenção e reparação da guerra, com o propósito de acabar com outras futuras.

Os 14 pontos de Wilson eram a ponta de esperança para a paz duradoura. Neles constava, dentre outras propostas: abolição da diplomacia secreta; plena liberdade de navegação; limitação dos armamentos nacionais; ajuste imparcial das pretensões coloniais; anulação do tratado de Brest-Litovski; restauração da Bélgica; devolução da Alsácia-Lorena; reajuste das fronteiras Italianas; autonomia do povo Austro-Húngaro; restauração da Romênia, de Montenegro e da Sérvia; autonomia dos povos submetidos aos Turcos; criação de uma Polônia independente; criação da Liga das Nações com o objetivo de arbitrar futuras pendências entre as nações. Rodrigues (1985) refere que se concretizava assim o tão sonhado Direito Internacional Público.

Rodrigues (1985) informa que Em 18 de janeiro de 1919, reuniam-se em Paris, sob A Conferência de Paris, o conselho dos Dez, compreendendo presidente e Secretário de Estado dos Estados Unidos e os Primeiros Ministros e Ministros das Relações Exteriores do Reino Unido, da França, da Itália e do Japão, porém os italianos e japoneses pouco se envolveram com as negociações. Neste sentido, Rodrigues (1985) destaca que, em decorrência do chauvinismo isolacionista de Roma e Tóquio, as decisões efetivas da Conferência de Paris foram tomadas pelos “Três Grandes”: Wilson, Lloyd George e Clemenceau.

Ao longo das reuniões, os três grandes se digladiavam a fim de conseguir obter suas respectivas aspirações perante os outros. Ao fim de infindáveis conversas e negociações foi produzido um tratado que contemplava e agradava aos delegados que estavam à mesa de negociações.

No final de abril de 1919, os termos do Tratado de Versalhes estavam redigidos e a Alemanha recebeu ordem de enviar seus delegados para ouvi-los. A 29 desse mês, uma missão diplomática do governo republicano alemão chegou a Versalhes [...]. No dia 7 de maio o texto do tratado foi lido para os representantes do governo revolucionário alemão. Prontamente, o conde Von Brockdorff-Rantzau, ministro do Exterior e chefe da delegação da Alemanha em Versalhes, retrucou dizendo que os termos eram demasiadamente duros. [...] o governo alemão preferiu demitir-se a assinar o tratado. Os vencedores fizeram alguns retoques nos termos do documento e notificaram Berlim que, se o acordo não fosse ratificado pelos alemães até às sete horas da tarde de 23 de julho, tropas aliadas invadiriam o território germânico. No dia 28 de julho de 1919, quinto aniversário do “atentado de Sarajevo”, plenipotenciários do governo alemão e dos aliados reuniram-se no monumental Salão dos Espelhos do Palácio de Versalhes e assinaram o tratado de paz (RODRIGUES, 1985, p. 59).

O Tratado de Versalhes assinado continha 440 artigos e constituía uma verdadeira condenação à Alemanha. Estipulava, entre outras coisas, cláusulas que a Alemanha deveria cumprir, tais como:

Cláusulas Territoriais – Deveria entregar a Alsácia-Lorena à França, Eupen e Malmedy à Bélgica, a parte setentrional de Schleswig à Dinamarca e largos trechos da Posnânia e da Prússia Ocidental à Polônia; A França teria o direito sobre as minas de carvão de Sarre, ao passar quinze anos, a Alemanha poderia comprá-la novamente; A Polônia teria acesso ao mar via Dantzig pelo “corredor polonês”; Ceder as colônias aos vencedores sendo assegurado pela Liga das Nações.

Cláusulas Militares – Reduzir o poderio militar dos seus exércitos a um máximo de 100 mil homens armados exclusivamente com armas leves; Vetado o direito de possuir armamento estratégico; A frota alemã seria entregue aos aliados; A margem esquerda do Reno seria ocupado, tendo manutenção de cinco em cinco anos, afim de sua completa desmilitarização.

A Cláusula Moral e Financeira – A Alemanha admitira a culpa pela eclosão da guerra, assumindo integralmente o fardo dos prejuízos que a guerra causou aos governos aliados e aos seus cidadãos. Pedindo pesadas reparações por conta da guerra, a importância de 33 bilhões de dólares.

Tais imposições feitas sem rodeios à Alemanha, com suas cláusulas humilhantes, afim de “domesticar” todos os germânicos por meio da palavra escrita, causou certa comoção entre as forças políticas. Formando assim uma incrível vontade da nação que reivindicava a rescisão das duras e injuriosas imposições do Tratado de Versalhes. A respeito disto Rodrigues (1985) nos lembra: amputada por um tratado não discutido de 1/7 de seu território, de 1/10 de sua população, de suas forças armadas e de suas colônias, a Alemanha passou a

alimentar um violento ódio revanchista em relação aos aliados, notadamente à intransigente França.

Ao impor punições humilhantes aos alemães, o Tratado de Versalhes semeou o revanchismo, particularmente entre os alemães humilhados pelas decisões do Tratado de Versalhes, dentre elas a transformação do Império Alemão na República de Weimar.

2.4 A CRIAÇÃO DA REPÚBLICA DE WEIMAR E OS IMPASSES DECORRENTES

Em decorrência das decisões do pós-guerra, a Europa assistiu à queda do Império Alemão. A República de Weimar surgiu com uma incrível carga sobre seus ombros, por isso constituiu uma república fragilizada. De um lado as enormes dificuldades econômicas. De outro a imposição da socialdemocracia e o desafio da criação de um governo republicano e parlamentarista. Ressalta-se que a formação desse novo jogo político fora demasiadamente apressado, como nos mostra Shirer (2008, p. 84):

A revolução, porem, estava no ar em Berlim. A capital foi paralisada por uma greve geral. [...] a poucos quarteirões do Reichstag, os espartaquistas, chefiados pela socialista esquerdista Rosa Luxemburgo e por Karl Liebknecht preparavam-se [...] para proclamar uma república soviética. [...] Alguma coisa precisava ser feita imediatamente para frustra o golpe dos espartaquistas. Scheidemann teve uma ideia. Sem consultar os camaradas, correu á janela que dava para a Konigsplatz [...] e proclamou a república.

Portanto, desde o seu começo a República de Weimar enfrentou uma série de problemas políticos, sociais e econômicos, que iam impedindo o restabelecimento da ordem e da estabilidade numa Alemanha devastada, sem bases sólidas para constituir uma verdadeira democracia liberal e sem capacidade de controlar o poder ascendente das elites alemãs.

Como referido, segundo Shirer (2008), a nova forma de governo seria a democracia representativa, sob a forma de República Parlamentarista. “República de Weimar” se dá pelo local em que a constituição republicana foi promulgada, em 11 de Agosto de 1919, na cidade de Weimar, região central da Alemanha.

Foi com a realização de uma assembleia constituinte que a história da República de Weimar começou. A definição do funcionamento de uma república estava entre as decisões tomadas em tal realização e registradas na Constituição de Weimar. O modelo seria bicameral, isto é, relativo a um sistema de duas câmaras sendo assim teria duas casas legislativas, o Reichstag (o Parlamento) e o Reichsrat (a Assembleia). Haveria também dois chefes da república, o chefe de Estado, o presidente, responsável pelas questões de Estado:

como diplomacia, forças armadas, dentre outras, e o chefe de governo, o chanceler, responsável pela administração geral, ainda segundo Shirer (2008).

A Assembleia Nacional, majoritariamente constituída de socialistas e democratas-cristãos, fora a criadora das instituições republicanas que iriam substituir o segundo Reich. Elegem um presidente da República, oficialmente chamado de Reichspräsident, e, dessa forma, conservam o nome de Reich, império, em português. O mandato presidencial era de sete anos, com amplos poderes, inclusive o de suspender os direitos fundamentais dos cidadãos, inclusive autorizar o chanceler a governar por decretos-leis, isto é, sem que recorra ao voto do parlamento, conforme Shirer (2008).

Friedrich Ebert fora o primeiro presidente. Designado pela Assembleia, jamais seria legitimado pelo sufrágio universal, como previa a Constituição de Weimar, lembra Shirer (2008). Aspirando criar o sistema mais democrático possível, foram introduzidos pelos constituintes o referendo, a iniciativa popular e também o escrutínio proporcional integral. No entanto, esse sistema revelaria uma fonte de desestabilização, posto que favorecesse as cisões políticas em detrimento da eficácia.

Ebert ascende à chancelaria para substituir o príncipe Mas de Bade. A fim de tranquilizar os agitadores e propagandistas revolucionários, troca seu título de chanceler pelo de Presidente do Conselho de Comissários do Povo. E esses, por sua vez, tentam valer-se da derrota militar para instaurar nas grandes cidades alemãs os Conselhos Operários, inspirados pelas ações bolcheviques. O general Ludendorff e os militares atribuíram essa euforia ao fato de que a derrota do Império Alemão deveu-se a uma “punhalada nas costas” pelos traidores da própria pátria, os marxistas e os judeus, ainda conforme Shirer (2008).

Na noite que se seguiu a sua posse, Friedrich Ebert concluiu um acordo secreto com o exército para pôr fim às desordens. Sem esperar que os combates cessassem, pois ocorria entre o exército e os grupos revolucionários um braço de ferro nas grandes cidades do país.

Agora, no momento mais difícil para essa Pátria, uma linha telefônica secreta os punha de novo em contato. Imediatamente, o líder socialista e o segundo homem em importância do exército alemão fizeram um pacto que, embora só muitos anos mais tarde se tornasse conhecido, iria determinar o destino do país. Ebert concordou em reprimir a anarquia e o bolchevismo, e a manter todas as tradições do exército. Groner, por sua vez, prometeu que o exército ajudaria o novo governo a estabelecer-se e a realizar os seus objetivos (SHIRER, 2008,p.86).

Ainda, de acordo com Shirer (2008), os espartaquistas irromperam uma greve em Berlim. Seu movimento revolucionário era ligado aos bolcheviques russos e seu nome

derivava do escravo romano Spartacus, que liderou 100 mil homens na mais célebre revolta de escravos da Roma Antiga. A greve é esmagada pelos militares no transcurso da semana sangrenta, de 11 a 15 de janeiro de 1919. Na data, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, os dirigentes do movimento, foram assassinados enquanto estavam detidos.

No começo de janeiro de 1919, [...] deferiu o golpe. De 10 a 17 daquele mês – a “Semana Sangrenta”, com foi chamada, na ocasião, em Berlim – tropas regulares e unidades livres, sob a direção de Noske e o comando do general Von Lutwitz, esmagaram os espartaquistas. Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht foram presos e assassinados por oficiais da Divisão de Cavalaria da Guarda (SHIRER, 2008,p.88).

Uma organização paramilitar fora criada para se opor às manifestações comunistas. Em Berlim e nas demais metrópoles alemãs, ex-combatentes e desempregados foram recrutados para se integrarem ao movimento. Em Munique, onde a insurreição foi particularmente virulenta, um ex-combatente foi designado pelo exército como oficial político para vigiar os movimentos dos comunistas. Seu nome era Adolf Hitler. Todavia, as dificuldades eram colossais e a animosidade entre os grupos políticos rivais era tremenda. Fora nessa época que os comunistas alemães conseguiram enorme projeção política, ao passo que também movimentos nacionalistas vindos dos socialistas começam a ganhar influência. Como foi o caso do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o NAZI, que deu origem ao movimento nazista articulado por Adolf Hitler a partir de 1921, de acordo com relatos de Shirer (2008).

A partir de 1923, ainda de acordo com Shirer (2008), a economia alemã ainda viveu um período de relativa estabilidade com o chanceler Gustav Stresemann à frente da administração. Entre 1924 e 1929, houve um breve período de reconstrução, graças à influência que adquiriu Gustav Stresemann. Ele era um nacionalista contra qualquer tipo de extremismo. Empréstimos externos foram empregados na modernização da indústria. Com a ajuda dos EUA, foi elaborado o Plano Dawes para possibilitar que o país arcasse com suas obrigações de guerra sem se arruinar completamente.

A República fazia empréstimos para pagar suas indenizações, para aumentar seus imensos serviços sociais, que eram o modelo do mundo. Os Estados, as cidades e os municípios pediam empréstimos para financiar não apenas indispensáveis melhoramentos, mas para construir aeroportos, teatros, estádios esportivos e majestosas piscinas de natação. A indústria que pusera fim as suas dívidas de produção, a qual, inferior em 1923 em 55% em relação a 1913, elevava-se a 122%, em 1927. O desemprego cairá pela primeira vez, depois da guerra, a menos de um milhão – a 650 mil desempregados em 1928. [...] os salários reais chegaram a um valor superior em 10% aqueles de quatro anos antes. (SHIRER, 2008, p.167).

A política externa de Stresemann recuperou para a Alemanha a igualdade de direitos através do Tratado de Locarno (1925) e do ingresso do país na Liga das Nações (1926). Reitera Shirer: “reenquadra a Alemanha derrotada nas fileiras das grandes potências e levar a estabilidade econômica e política ao povo alemão. [...] conduz a Alemanha à Liga das Nações, negocia o Plano Dawes e o Plano Young, que reduz as reparações de guerra” (2008 p.191). A arte e as ciências floresceram nos "dourados anos 20". Esse desenvolvimento avançou relativamente com o chanceler Heinrich Brüning. Entretanto, em 1925 o presidente Ebert faleceu. Após sua morte o ex-marechal Hindenburg sobe ao poder no mesmo ano, candidato da direita ele seguiu a risca a Constituição, embora não fosse partidário do Estado Republicano, ainda segundo Shirer (2008).

O declínio da República de Weimar começou com o colapso da bolsa de Nova York e a crise econômica mundial de 1929 – mesmo ano em que morreu Stresemann. Os anos seguintes foram marcados pela ascensão, em meados de 1930, dos ultranacionalistas e dos marxistas. Ambos aproveitavam-se do alto desemprego e da miséria geral para justificar suas crenças radicais. A crise levou à quebra dos bancos em 1931 e a situação se agravou ainda mais no ano seguinte. Os desempregados somavam 5,6 milhões e o ex-marechal Hindenburg foi reeleito presidente com Hitler em segundo lugar, de acordo com Shirer (2008).

Em meio aos tumultos, o chanceler Heinrich Brüning foi demitido e substituído por Franz von Papen. O novo governo revogou medidas antes adotadas para conter as formações paramilitares dos nacional-socialistas, e Hitler, em troca, passou a tolerá-lo. Em janeiro de 1933, após a demissão de Von Papen, Hindenburg chamou Hitler para constituir o novo governo. Como nos coloca Shirer (2008, p. 208):

Enquanto o ano de 1931 transcorria cheio de dificuldades, com mais de cinco milhões de assalariados sem trabalho, com a classe média enfrentando a ruína, os agricultores impossibilitados de pagar suas hipotecas, o Parlamento paralisado, o governo estrebuchando, o presidente de 84 anos rapidamente mergulhado na confusão da senilidade, uma confiança, de que eles não teriam muito que esperar, enchia os peitos dos cabeças nazistas.

Essa situação, ainda conforme Shirer (2008), levou à ascensão política do partido nazista, que prometia a total ruptura com todas as sanções e injúrias impostas pelo Tratado de Versalhes, a remilitarização da pátria e a recuperação do antigo prestígio da época do II Reich Alemão. A notoriedade que Hitler possuía e exercia no início dos anos 1930 fez com que Hindenburg, Presidente da República, o nomeasse chanceler em lugar de Papen. Com a morte do presidente marechal em 1934, Hitler assumiu também os poderes de chefe de Estado, tornando-se senhor das forças armadas da Alemanha e levando o país rumo ao totalitarismo

do III Reich, pondo fim à República de Weimar definitivamente, fato que logo seria revelado como um dos grandes passos rumo à Segunda Guerra Mundial.

2.5 OS IMPACTOS DA I GUERRA MUNDIAL (1914-1918) SOBRE A QUALIDADE DE VIDA DOS ALEMÃES E AS TENSÕES NAS RELAÇÕES SOCIAIS

A República de Weimar vivia uma situação de conflitos internos entre os monarquistas da direita e os comunistas de esquerda. A ala esquerda querendo fundar uma república revolucionária baseada em conselhos operários, enquanto a ala direita era de princípios mais conservadores. A renovação do alto círculo alemão com a subida de alguns grupos ditos inferiores foi recebida por muitos membros da alta sociedade como um terrível golpe desferido diretamente em sua autoestima.

O Tratado de Versalhes impôs pesada carga nos campos políticos, econômicos e psicológicos à nação derrotada. Para impedir que a Alemanha recuperasse seu título de potência industrial foram cobradas pesadas taxas como reparos de guerra para os Aliados. Os pagamentos ditos reparadores dificultaram a sua recuperação.

De acordo com Richard (1983), em 1921, o país estava com sua situação financeira negativada ao extremo, completamente endividado, com uma inflação altíssima, causada pela falta de ouro, pela balança de pagamento desfavorável e na quase total fuga de capital. Os pagamentos estavam constantemente atrasados aos Aliados. As relações exteriores da Alemanha permaneciam delicadas em consequência do insucesso em pagar as dívidas e as indenizações de guerra. A moeda desvalorizava diariamente e a inflação atingiu valores fantásticos, levando a desequilíbrios e distúrbios de todas as ordens. As mais diversas classes sociais prejudicadas com as perdas econômicas de seu combalido mercado voltaram-se contra a República.

Apesar da inflação, ou graças a ela, algumas das grandes indústrias, contudo, não passaram por dificuldades. As perdas sofridas pelas empresas ligadas às altas finanças internacionais foram inferiores aos seus lucros. A economia nacional alemã não possuía um desenvolvimento contínuo, vivendo de altos e baixos. Em 1924, depois de receber ajuda estrangeira, a associação dos industriais alemães registrou que consideráveis investimentos foram feitos em fábricas ou produções novas, ao contrário do que acontecia em outros setores do país. (RICHARD, 1983, 186).

Desse modo, a inflação gerou uma gama de situações, um verdadeiro cenário antagônico. A situação econômica apresentava diferenças, de região para região, de cidade para cidade. As imagens dessa época nos remetem a Berlim, onde os extremos se

encontravam, a exibição do luxo e do desperdício convivia com a fome e a indigência. Os contrastes eram menos marcantes nas cidades de província, apesar de também encontrarmos ali presentes a miséria e a riqueza ostensiva, elas saltavam muito menos aos olhos.

A Grande Guerra também provocou profundas alterações na economia, na sociedade, nos costumes e nas mentalidades das formações sociais contemporâneas. Do ponto de vista econômico, chamam a atenção as ruínas provocadas pelos combates, a destruição das riquezas e o colapso dos sistemas produtivos, notadamente nos países ocupados ou naqueles que fontes destruídas, edifícios demolidos, ferrovias desorganizadas e águas minadas. (RODRIGUES, 1985, p. 68).

Um grande empréstimo internacional, conforme Richard (1983), proporcionado por uma série de acordos e planos financeiros a fim de ajudar na reconstrução da exaurida República de Weimar, trouxe alívio e abriu caminho para certo crescimento. Os anos 1920 da República de Weimar, chamados anos dourados, não foram anos tão felizes, mas foram comparativamente tranquilos em relação à época anterior.

A Alemanha adquiriu aos poucos a imagem de um país que estava seguindo um bom caminho. A recuperação nacional tornou-se uma espécie de palavra de ordem. A situação financeira do Estado equilibrou-se em janeiro de 1925. Os industriais, preocupados em produzir e em tornar rentáveis suas empresas, adotaram as técnicas americanas como modelo (RICHARD, 1983, p.202).

Um projeto bem ambicioso para a época, especialmente por conta das dificuldades que adivinham. Subvenções públicas e créditos bancários encorajaram os investimentos imobiliários em áreas sociais. Com o intuito de evitar que houvesse uma especulação financeira sobre os terrenos, transformando-a em um enorme fracasso a tentativa de obras, uma equipe de arquitetos foi contratada pelo Estado para controlar o andamento do processo, conforme Richard (1983).

No plano cultural, houve mudanças nesse período. Realizou-se um aumento nas construções de uso social e nos auxílios concedidos pelo poder público às instituições culturais de interesse público. Sendo que alguns museus foram melhorados com aquisições de obras modernas. Entretanto, conforme Richard (1983), a República agradou alguns, mas também desagradou a tantos outros por inúmeras razões. Os conservadores desprezavam a eliminação da monarquia e o acesso ao poder pelos membros da classe média. Ressalta-se que a guerra perdida teve como consequência a redistribuição de forças políticas, que já vinha acontecendo em silêncio, mesmo dentro do Estado Imperial, estimulada pela rápida industrialização da Alemanha e o fortalecimento das classes sociais envolvidas nesse processo.

No entanto, a República estava com sua estabilidade assegurada enquanto houvesse prosperidade.

Havia, no entanto, algo de mascarado em relação à prosperidade interna da Alemanha. Os poderosos industriais enriqueceram-se durante o período de inflação e estavam ganhando o controle da indústria da opinião. Essa prosperidade alemã era devido a dinheiro estrangeiro investido no país, especialmente dos Estados Unidos, que investiram quase 3 bilhões de dólares na Europa, entre 1925 e 1929 (ROBERTS, 2000, p. 703).

O Partido Comunista Alemão investia de um flanco enquanto os conservadores investiam do lado oposto. Os extremistas, como os nazistas, defendiam seus pontos de vista contra o Tratado de Versalhes, contra os inimigos da Alemanha, entre eles os marxistas e os judeus, além de outras ideias enraizadas na cultura alemã, conforme Roberts (2000).

Em 1929, aconteceu uma crise econômica mundial. A precária prosperidade alemã foi fortemente abalada, elevando o desemprego. O colapso da Bolsa, em Wall Street, no fim de 1929, repercutiu em todas as partes. A grande depressão foi mundial, mas foi mais desastrosa para a República de Weimar, que vinha vivendo da ajuda estrangeira em um grau muito elevado. As exportações alemãs decresceram e os empréstimos feitos por esse país não foram renovados. As falências multiplicaram-se, demonstra Roberts (2000).

O investimento internacional que haviam chegado no final de 1923 fora inútil perante tal situação, os empréstimos simplesmente desapareceram. A economia entrou em retração e o desemprego foi elevado a níveis altíssimos. O dinheiro tornou-se mais caro e houve retenção no crédito para os alemães.

Nos primeiros meses de 1929, cerca de quatrocentos milhões de dólares em ouro voaram dos bancos centrais de outros países rumo a Wall Street. Só o Reichsbank, o Banco Central Alemão, perdeu 41 milhões de dólares no período e tentou estancar a hemorragia oferecendo taxas de juros mais altas, na expectativa de seduzir os investidores. O juro alto, por sua vez, torna o dinheiro mais caro e inibe os empréstimos as atividades produtivas. (BRENER, 1996, p. 8)

A falta de crédito e a baixa atividade econômica causaram na indústria resultados gravíssimos. As indústrias por sua vez, buscaram ajustar a produção à demanda decrescente, causando por sua vez um crescimento considerável no desemprego. No momento mais negro da crise de 1929, os anos de 1932 e 1933, a Alemanha tinha 44% da sua força de trabalho desempregada, conforme Brener (1996).

Os efeitos desse cenário no plano político, segundo Brener (1996) fora devastador. O trauma do pós-guerra e a desordem social apresentam-se como elementos que colocavam a população em alerta e punha-os contra o regime atual. Essa crise fora de modo

tão devastadora que Hobsbawm (1995) a caracteriza como um fator fundamental para a ascensão dos Nacional-Socialistas ao poder.

Após a recuperação econômica de 1924, o Partido dos Trabalhadores Nacional-Socialistas foi reduzido a uma rabeira de 2,5 a 3% do eleitorado, conseguindo pouco mais da metade do que o pequeno civilizado Partido Democrático alemão, pouco mais que um quinto dos comunistas e muito menos que um decimo dos social-democratas nas eleições de 1928. Contudo, dois anos depois havia subido para mais de 18% do eleitorado, tornando-se o segundo partido mais forte na política alemã. Quatro anos depois, no verão de 1932, era de longe o mais forte, com mais de 37% dos votos totais, embora não mantivesse esse apoio enquanto duraram as eleições democráticas. Esta claro que foi a Grande Depressão que transformou Hitler de um fenômeno da periferia política no senhor potencial, e finalmente real, do país (HOBSBAWM, 1995, p. 132).

Com o aumento da popularidade do Partido Nacional Socialista devido ao seu discurso contra a desordem instituída pela República, e favorável à criação de uma ordem institucional orgânica, baseada em um modelo de estado forte e disciplinador. No final da década, a liderança nazista encontrava conexões nos grupos que desprezavam a República como, por exemplo, os militares, que haviam perdido o poder político depois da guerra, e os industriais interessados em proteger seus trustes e garantir seus lucros. Nas eleições de 1930, os nazistas conquistaram 1/5 do Parlamento, tornando-se uma força política expressiva, combinando o poder do dinheiro, a habilidade política, o apelo às massas e a ambiguidade aristocrática, conforme Hobsbawm (1995).

No entanto, a oposição aos nazistas, apesar de numerosa, era desunida. A liderança nazista estava confiante e as eleições de 1932 foram definitivas para eles, transformando-os no maior partido do Parlamento. No ano de 1933, Hitler transformou-se em chanceler da Alemanha, uniu grupos conservadores, convocou eleições e, mesmo sem vencê-las, assumiu o governo com poderes extraordinários, em março de 1933. A República de Weimar estava morta.

2.6 EM MEIO ÀS RUÍNAS DA I GUERRA MUNDIAL (1914-1918) O NASCIMENTO DO PARTIDO NAZISTA

De acordo com Lenharo (1990), em 1919, foi fundado na Alemanha o Partido dos Trabalhadores Alemães (Deutsche Arbeiterpartei - DAP), por um ferreiro chamado Anton Drexler e um jornalista de nome Karl Harrer, em um momento político, social e econômico que podia ser definido como uma crise nacional intensa e de grande insatisfação da maioria do povo alemão. A Alemanha havia sido derrotada na Primeira Guerra Mundial e, como visto,

foi obrigada a arcar com o pagamento de pesadas indenizações para os países vencedores, dentre outras cláusulas do Tratado de Versalhes, que eram consideradas humilhantes e desumanas. Para obscurecer ainda mais a situação, a queda do imperador Guilherme II fomentou o apetite revolucionário dos comunistas que, baseando-se no exemplo dos bolcheviques tentavam, por qualquer meio, conquistar o poder.

Os Freikorps (Corpos de Voluntários), tropas reconstituídas do antigo exército imperiais, usadas pela administração socialdemocrata, massacraram o movimento espartaquista. Em Berlim, na semana sangrenta de 10 a 17 de janeiro de 1919, assassinam Rosa Luxemburgo e Liebknecht e dissolvem os Conselhos do Povo. Em Munique, onde se criou o partido nazi, uma República Vermelha dos Conselhos ali formada é também massacrada logo em seguida, a primeiro de maio. (LENHARO, 1990, p. 18).

A historia do DAP pode ser considerada pobríssima em realizações ou interesses. Na verdade não passava de um partido um tanto quanto inexpressivo. Formado primeiramente por camaradas amantes da cerveja que nutriam os mesmos sonhos de uma Alemanha novamente forte e um mundo sem judeus ou outras raças consideradas inferiores. Entretanto, a real historia do partido, que culminaria na tomada do poder na Alemanha, começa com a entrada de Adolf Hitler nas suas fileiras. Será este quem irá estruturar todo o partido, mudar-lhe-á o nome para Partido Nacional Socialista Alemão (em 1920) e criará mecanismos partidários voltados para a conquista do apoio das massas, ainda segundo Lenharo (1990).

Adolf Hitler, ou somente Hitler, era o terceiro filho de um pequeno funcionário da alfandega austríaca em Braunan que, após uma infância adversa, mudou-se para Viena, onde trabalhou como ajudante de pedreiro, como batedor de tapetes, removendo neve, ou carregando malas para fora da Estação Ferroviária Oeste. E até mesmo acabou passando fome, de acordo com Lenharo (1990).

Ainda hoje, essa capital só desperta em mim pensamentos sombrios. Cinco anos de miséria e sofrimentos, eis o que significa a minha estadia nessa cidade de prazeres. Cinco anos em que, primeiro como ajudante de operário, depois como aprendiz de pintor, vi-me forçado a trabalhar pelo pão quotidiano, mesquinho pão que nunca bastava para saciar a minha fome habitual. A fome era então minha companheira fiel que nunca me deixava sozinho e que de tudo igualmente participava. (HITLER, 1983, p. 26).

Em Viena, Hitler lançaria as bases políticas do Partido, delineando o real valor de se conseguir o apoio das massas e o antissemitismo, o qual se tornaria sua segunda natureza. Enquanto que em Linz encontrar um judeu era raro, em Viena Hitler praticamente esbarrava neles em cada momento, examinando-os assim cuidadosamente e ao papel que

desempenhavam na sociedade da época. O antissemitismo fazia parte do programa do partido nacionalista. Durante sua estada em Viena, Hitler, segundo suas próprias declarações, aprendeu a odiar tanto os comunistas quanto os socialdemocratas e os judeus, ainda segundo Lenharo (1990).

Em 1914, irrompe a Guerra Mundial, Hitler não passava de um jovem com seus vinte e cinco anos, voluntariamente juntou-se a um regimento bávaro. Sua designação fora a 1ª Companhia do Regimento de Infantaria de Reserva Bávaro. Durante a batalha de Ypres, o jovem Adolf capturou, sozinho, e armado somente com uma pistola Luger, um oficial e 15 soldados franceses, o que lhe rendeu uma condecoração com a Cruz de Ferro, a mais alta comenda militar alemã. Não passando ileso ao front, em 1916 foi ferido em uma das pernas e por consequência tornou-se mensageiro, fazendo o transporte de documentos, ordens e demais mensagens entre a retaguarda e as linhas de frente. Em 1918, após recuperar-se de um ataque com gás, que o cegou temporariamente, Hitler trabalhou como guarda de um campo de prisioneiros e, com o fechamento deste, voltou, em 1919, a Munique, segundo Howard (1994).

Fora lá, em Munique, nesta cidade, que os ventos do destino irromperiam em fúria e colocaria o DAP e seu futuro Führer frente a frente, mudando a história da Alemanha e do mundo.

Em 1919, o campo [de concentração] foi fechado e Hitler retornou a Munique, onde passou a integrar o departamento de espionagem militar. A sua tarefa era espionar os revolucionários comunistas que haviam planejado um golpe, em Munique, que, por um breve tempo, os levou ao poder. Hitler ajudou a desmascarar seus líderes, que foram fuzilados. Ele também compareceu a reuniões do Partido dos Trabalhadores Alemães, que se opunha aos comunistas, inicialmente como agente secreto, mas se converteu à política do partido e subiu à sua liderança. O Partido dos Trabalhadores Alemães fora fundado em 1919 para promover a superioridade racial, o nacionalismo alemão e o anti-semitismo. (HOWARD, 1994, p. 154).

Fora aí que Drexler e Harrer abriram as portas para um dos maiores oradores de todos os tempos. Quando eles notaram os dons oratórios do ex-combatente imediatamente o escalaram para falar num comício público. Segundo Shirer (2008), a estreia ocorreu em 6 de outubro de 1919, na praça da Hofbraükeller. O tema, apesar de batido, possuía grande apelo emocional, da vergonha do tratado de paz. Os ouvintes renderam-se ao poder de Hitler, sua oratória era eletrizante, envolvente, apaixonada. Ao terminar o discurso ele percebeu, pela primeira vez, seu poder carismático. A esse respeito, o único amigo de juventude de Hitler, August Kubizek, relataria, mais tarde, que, quando Hitler atingiu o auge de sua peroração, “as pessoas que se achavam na pequena sala estavam como que eletrizadas” e que este, ao findar

seu discurso, estava ciente “a partir daquele momento, que tinha dons oratórios” (KUBIZEK apud FEST, 1976, p. 140).

Entre aqueles que o cumprimentaram pela sua prática magnificamente executada de oratória estavam, Alfred Rosenberg, Rudolf Hess e um estudante de Direito chamado Hans Frank (que mais tarde viria a ser governador da Polônia ocupada), personagens até então desconhecidos, mas que viriam a desempenhar papéis fundamentais no desenvolvimento do nazismo. Ciente agora do seu singular potencial carismático Hitler decidiu, intimamente, modificar a filosofia do Partido a fim de criar um movimento político de apelo às massas. Era sua intenção utilizar os meios que o partido poderia oferecer para desencadear uma contrarrevolução direitista que eliminasse, ao mesmo tempo, os judeus, os comunistas e os socialdemocratas que, em sua opinião e fecundada por boa parte do povo alemão, traíram a Alemanha durante a guerra, de acordo com Fest (1976).

As estratégias utilizadas por Hitler para adquirir poder dentro do partido foram primeiramente aumentar o número dos membros do comitê diretivo, inicialmente para 10 e, em seguida, “provisoriamente” para 12. Este número foi aumentando e Hitler conseguiu nomear pessoas de sua confiança entre elas alguns camaradas de caserna que havia conquistado para suas ideias. Seu renome como orador assegurava-lhe, cada vez mais, uma posição de destaque dentro do partido. Conseguiu eliminar o obstáculo representado por Harrer e pressionou-o a pedir demissão. Em 24 de janeiro de 1920, no salão de festas da Hofbraü, ocorreu a primeira grande manifestação pública do DAP e Hitler discursou estigmatizando a frouxidão do governo, o Tratado de Versalhes; os judeus; “o bando de sanguessugas”, os aproveitadores e usurários. Logo após, leu os 25 pontos de que era composto o programa, interrompido, volta e meia, por aplausos e gritos, conforme Fest (1976).

Aqui marcaria o início da alteração da modesta associação racista de beberrões e adoradores de cerveja criada por Drexler e Harrer no partido de massa de Adolf Hitler. De acordo com Lenharo (1990), o programa do DAP fora inicialmente escrito por Drexler, mas uma comissão, fortemente influenciada por Hitler, o revisou. Uma das muitas armas da escalada de Hitler incluíam reaproveitar a forma e o conteúdo das palavras de ordem e das diretrizes da esquerda.

A esse respeito, Hitler diria no *Mein Kampf* (Minha Luta) que havia aprendido muito com os métodos dos comunistas e não com sua doutrina. Muitos dos 25 pontos do programa do partido nazista, de 24 de janeiro de 1920, eram consagrados a fins nacionalistas e racistas o 3º ponto já se referia à necessidade do ‘espaço vital’ e o 5º exigia a exclusão dos judeus da comunidade alemã. O 12º ponto falava no

confisco dos lucros de guerra; o 13º, na nacionalização das indústrias monopolistas; o 14º, na participação dos trabalhadores nos lucros das grandes empresas; o 17º, na reforma agrária; o 18º, na punição dos usurários, açambarcadores e especuladores. No poder, entretanto, os nazistas voltaram sua política para a direita, contentando-se com pequenas inovações tomadas como práticas socialistas. Dessa forma, a sociedade Força para Alegria promovia viagens de turismo para trabalhadores previamente escolhidos; ou então, aos domingos, havia a obrigação de se servir um único prato nos restaurantes. O socialismo não passou disso. (LENHARO, 1990, p. 17-18).

Pouco tempo depois da reunião na Hofbrau, cerca de uma semana, o partido alterou seu nome para Partido Nacional-Socialista dos Operários Alemães (NSDAP). No início de março de 1920, um grupo de direitistas, reunidos em torno de Kapp que era chefe de uma corporação paramilitar, com o apoio da brigada Ehrhardt, tentara dar um golpe de estado em Berlim. Entretanto, devido ao amadorismo demonstrado por seus organizadores e por causa da greve geral que se seguiu, o "putsch" falhou. Entretanto no dia 13 de março uma operação semelhante, levada a cabo, ao mesmo tempo, pela Reichwehr e as corporações livres na Baviera, derrubaram o governo de coligação burguesa e socialdemocrata, substituindo-o por um governo de direita, dirigido por Gustav von Kahr. O levante, contudo, foi dominado, conforme Lenharo (1990).

Toda essa situação, ainda conforme Lenharo (1990), contudo, constituiu-se em uma sequência de eventos favoráveis ao crescimento e as ambições do NSDAP. É possível destacar que a partir desse momento o partido estava caindo sob as graças dos elementos militares, paramilitares e civis que detinham o poder. A cada êxito do partido, novas solicitações da direita lhe eram dirigidas. Aqueles que detinham o poder, na época viam em Hitler e seu partido um importante instrumento para a mobilização das massas a ser utilizado e descartado, posteriormente. Claramente um grande erro agora, pois Hitler após utilizar-se do apoio recebido para formar batalhões partidários a fim de combater as organizações proletárias de esquerda acabaria voltando esses mesmos batalhões contra seus antigos aliados.

Com a ocupação francesa na região de Ruhr, com o objetivo de forçar a retomada do pagamento das indenizações de guerra. Uma explosão de ódio e histeria alastrou-se como chama viva entre os nacionalistas alemães. Os comunistas, que vinham aumentando sua força, juntaram-se a eles na virulenta campanha desencadeada contra a República. Vendo-se ameaçado o chanceler, Stresmann, por uma revolta tanto da extrema direita quanto da extrema esquerda, antecipadamente as reações contrariam as suas medidas que fizeram com que o presidente Ebert decretasse um estado de emergência no mesmo dia. O Estado da Baviera não se dispunha a aceitar tal situação. O Gabinete bávaro decretou seu próprio estado de

emergência, nomeando o monarquista da direita e ex-Primeiro-Ministro, Gustav von Kahr, Comissário Estadual munido de poderes ditatoriais, informa Lenharo (1990).

Era o momento ideal, pelo menos na visão de Hitler para conquistar o poder pela força. De acordo com Lenharo (1990), nesse período conturbado os nazistas sequestram autoridades bávaras. O herói de guerra Ludendorff, e Hitler, tentam tomar o poder. O golpe fracassa e ambos são aprisionados e julgados, mas apenas o primeiro recebe uma sentença de cinco anos de prisão com direito à comutação. O partido é dissolvido. Na prisão, Hitler começa a manobrar contra a maré escrevendo seu livro, *Mein Kampf*. Poucos meses mais tarde sai do cárcere, disposto a tomar o poder, mas dessa vez pelas vias legais.

3 A PROPAGAÇÃO DO NAZISMO COMO IDEOLOGIA POLÍTICA E AS ESTRATÉGIAS DO PARTIDO NAZISTA PARA CHEGAR AO PODER NA REPÚBLICA DE WEIMAR/ALEMANHA

Este capítulo inicia-se com um estudo retrospectivo sobre a organização política e as estruturas de poder na República de Weimar. Em seguida, promove-se uma reflexão sobre a origem do nazismo no contexto das ideologias políticas. Enfatizam-se as estratégias utilizadas pelo Partido Nazista para chegar ao poder na República de Weimar/Alemanha. Nesse contexto, é apresentado o Mein Kampf como síntese da ideologia nazista e instrumento de propaganda política do Partido Nazista. Empreende-se, também, uma reflexão sobre os instrumentos de propaganda ideológica, além do Mein Kampf, utilizados pelos estrategistas do nazismo para convencer e mobilizar os alemães para a adesão ao projeto nazista de poder. Como desfecho, produz-se uma breve reflexão sobre a chegada de Hitler ao poder, como a eclosão do ovo da serpente, que irá mergulhar o mundo na Segunda Guerra Mundial.

3.3 A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E AS ESTRUTURAS DE PODER NA REPÚBLICA DE WEIMAR

Nascendo das cinzas de um grande império, orgulhoso, austero e poderoso, a República de Weimar encontraria vários entraves para sua consolidação e legitimação. Os revolucionários por um lado, o povo por outro. Esse foi um período de intensas modificações na sociedade alemã, um período de grandes avanços e de cultivo da semente que daria frutos para a Segunda Guerra Mundial.

Tal república pode ser dividida em três períodos distintos, todos referenciados no tópico 2.4 do presente estudo monográfico. Mas, segundo Weitz (2007), pode-se destacar como primeiro período a época da Proclamação da República, caracterizada por agitação, instabilidade e violência política e social. Temos então o segundo período (1924-1929), a estabilização político-social da República e firme crescimento econômico. Ao final temos 1930-1933, A Queda de Weimar, período que representa o declínio social e econômico decorrente da grande depressão de 1929. Esse último período também é marcado pela ascensão do nazismo ao poder.

Os acontecimentos decorrentes desses períodos foram duros para os alemães, principalmente por aquilo que Hobsbawm (1995) classifica como “paz punitiva”, onde o

pesado custo da guerra recai sobre uma sociedade baseado na “clausula da culpa da guerra” (HOBSBAWN, 1995, p. 41).

Para muitos alemães, a derrota de 1918 foi uma experiência inesperada e altamente traumática. Atingiu um ponto sensível no habitus nacional e foi sentida como um regresso ao tempo da fraqueza alemã, dos exércitos estrangeiros no país, de uma vida na sombra de um passado mais grandioso. Estava em risco todo o processo de recuperação da Alemanha. Muitos membros das classes médias e superior alemãs – talvez a grande maioria – sentiram que não poderiam viver com tamanha humilhação. Concluíram que deviam preparar-se para a guerra seguinte, com melhores chances de uma vitória alemã, mesmo que, no começo, não estivesse claro como isso poderia ser feito. (ELIAS, 1997, p. 20).

Segundo Shirer (2008), a proclamação da República de Weimar se deu de uma forma inesperada. Os Sociais-Democratas estavam reunidos no Reichstag para discutir o futuro da nação que necessitava de um plano urgente para a sua reestruturação político, econômica e social quando os revolucionários espartaquistas vinham a seu encontro, motivados pela revolução Russa, pretendendo instaurar um governo socialista em Berlim. Foi quando, num momento de grande tensão, Phillip Scheidemann, um Social-Democrata, sem o pleno acordo dos demais membros do partido proclamou a república. Os comunistas chegaram a proclamar seu governo, porém os Social-Democratas mantiveram seu poder.

Apesar dos conflitos existentes, segundo Gay (1978) foram abertas eleições em 19 de janeiro de 1919. Dentre os partidos participantes temos o Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD), o Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (USPD), como também uma gama de partidos menores como o Partido do Povo Alemão (DVP), o Partido Nacional Alemão (DNVP), o Partido Democrático Alemão (DDP) e o Partido de Centro, mais conhecido como, segundo Gay (1978), “Zentrum”.

A forma de governo se daria por um parlamento constituído por quatrocentas e vinte cadeiras. Nessas eleições o Reichstag foi dominado pela maioria SPD que ficou com cento e sessenta e seis lugares, formando assim a maioria no Parlamento. No dia 11 do mesmo mês elegeu Friedrich Ebert para presidente do Reich, que nomeou Philip Scheidmann como chanceler, segundo Shirer (2008).

Mesmo com seus problemas estruturais, políticos e econômicos a Assembleia se reuniu para promulgar a Constituição da República que garantia a democracia, fortes direitos para a população e acima de tudo, legitimava o poder da República. Entretanto a constituição fora feita por poderes políticos opositores e tem alguns pontos, segundo Gay (1978), em que isso transparece. Mesmo garantido a “liberdade” e o “progresso social”, afirma sobre alguns “componentes étnicos”, que nos lembra do nacionalismo alemão.

A constituição era um clássico do Direito, trazia vários artigos adaptados e moldados para a sociedade e, conforme Miranda (1980) trazia outros mais tradicionais como a igualdade de todos perante a lei; a liberdade de ir e vir; a lei penal em concordância com a sociedade da época; garantia o domínio do domicílio e de correspondência, ficando sob pena aquele que a violasse; a livre expressão do pensamento; o direito de liberdade de religião bem como de reuniões pacíficas.

Na mesma linha, Miranda (1980) afirma que a Constituição de Weimar introduz uma série de dispositivos a luz da economia e da sociedade, estabelecendo as bases para uma reestruturação firme, precisa e vagarosa desses fatores que assolavam o país. Embasando-se nesses parâmetros, endossando e estabelecendo a dignidade humana, liberdade econômica e individual, a liberdade de associação sindical. Enfim, a constituição, bem como a República, buscava dispositivos para garantir a participação do indivíduo na sociedade para que, assim, o fantasma da guerra pudesse ser morto e deixado para trás pelo povo que ansiava mudanças e soluções do Estado.

Sobre a questão territorial, a Constituição estabelecia que o “Reich Alemão era uma República Federal, composta pelos territórios dos seus dezessete estados membros (denominados "Länder"), representados no "conselho do Reich" ("Reichsrat)” (MIRANDA, 1980, p. 273-274). Na questão eleitoral, os cargos para a Assembleia se dariam com mandatos de quatro anos, por voto secreto e direto, com sufrágio universal. Conforme Miranda (1980), o governo do Reich era administrado pela Chancelaria e seus ministérios, que respondiam diretamente ao Reichstag, que poderia retirá-los dos respectivos cargos pro meio de voto de desconfiança.

Miranda (1980) também indica que não somente o Parlamento existia, mas também havia um Presidente com plenos poderes sobre as forças militares, sobre a nomeação da chancelaria e seus ministérios e ficava a seu cargo as questões das relações exteriores. O Presidente da República era escolhido por voto universal direto e secreto com sete anos de mandato. O Presidente também tinha o poder de suspender totalmente os direitos básicos dos cidadãos.

A carta constitucional de Weimar garantia direitos da ordem social e econômica. Esse documento foi resultado dos esforços principalmente dos Social-Democratas, que buscavam uma nova vida, uma nova luz para o povo alemão, para o Reich. No entanto, é neste cenário, em meio as ruínas provocadas pela I Guerra Mundial, que emerge o nazismo.

3.4 IDEOLOGIAS POLÍTICAS E AS ORIGENS DO NAZISMO

Em um período onde o mundo se via à sombra de grandes monstros do passado, resgatados pelos horrores da I Guerra Mundial, o perigo da instabilidade político-econômica e a grande fome pairavam sobre os países Europeus. Neste contexto, o autoritarismo e todo o mal a ele associados renascem das sombras que a visão iluminista acreditava dissipadas. A Europa assiste o crescimento de regimes autoritários em diferentes lugares do continente no período compreendido entre as duas Grandes Guerras Mundiais, cujos governos seguiam orientação político-ideológica de cunho fascista ou nazista.

A Europa de fato endossava o fascismo, o qual para ela significava ordem, concórdia, bem-estar, sem socialismo e longe de perigosas aventuras liberais [...] clericalismo e nacionalismo, conciliados na base da reação, invejavam e admiravam o fascismo. [...] Um dos aspectos do sucesso fascista foi a crise autoritária que varreu a Europa entre 1925 e a última guerra, e que tomou forma em restaurações monárquicas absolutistas ou em ditaduras personalísticas. Apesar da tendência tradicional e do aspecto militarista ou católico (ou ambos), houve, claramente, em suas origens e desenvolvimentos, a inspiração fascista. (FIORANI, 1963. p. 95-96).

Estes regimes tinham como estratégia para sua implantação a mobilização das massas para a obtenção de apoio incondicional para os seus propósitos. É possível que tais regimes surjam por antítese a outros regimes, embora naturalmente não como único motivo. Assim, a ameaça da internacionalização do comunismo, após a revolução Russa, acabou por justificar a implantação de governos totalitários. O Nazismo cresce de tal modo a combater esse e outros perigos externos e internos na Alemanha. Hitler apresentava-se, enfaticamente, como a ponta-de-lança europeia no combate ao que chamava de "perigo vindo do Leste".

[...] Os alemães eram uma raça superior destinada a dirigir o mundo, os judeus e os comunistas ameaçavam a pureza dessa raça e, portanto, algo deveria ser feito a esse respeito. Falavam em "libertar" os trabalhadores do marxismo e impedi-los de desenvolver uma perspectiva internacional (WEPMAN, 1987, p. 23).

Por sua vez, para o povo alemão, a ideologia nazista representava a possibilidade de vingança, por isso a sociedade alemã estava preparada para acolher esse sentimentalismo exacerbado de nacionalismo xenófobo. A sua população via um futuro nas palavras carregadas de ressentimentos dos Nazi. Alçou voo uma plataforma, por meio do partido Nazista, que delineava construir um Estado baseado na honra, ordem, confiança, disciplina e dedicação, "e que deveria conter, além do velho sonho de uma unidade harmoniosa, também a ideia não menos sugestiva de uma nação poderosa e temida." (RIBEIRO JUNIOR, 1987, p.23).

Objetivando diminuir as lutas de classe, Hitler propõe a reincorporação do operariado alemão à nação alemã, conforme Diehl (1996), deixando de lado os sacrifícios econômicos que esta mudança acarretaria, pelo menos no tangente em que ela não interferisse na independência e conservação da economia alemã. Uma proposta um tanto quanto difusa esta, entretanto permite ao NSDAP um arcabouço para trabalhar seu projeto. Manejando assim as diferenças sociais de uma forma que as dissolva e apazigue essa noção de luta entre as classes. Esse sentimento de dissolução era fortemente observado na juventude Hitlerista assim como nas SA e nas SS, pois nelas “[...] trabalhadores e empregadores marchavam sob a mesma bandeira, usando o mesmo uniforme e visando o mesmo objetivo.” (KOCH, 1973, p. 83).

Vocês representam o grande ideal, e sabemos disso por milhões de nossos compatriotas que o conceito de trabalho não mais será um conceito de divisão, mas sim de união, e que não mais haverá alguém na Alemanha, que olhara o trabalho do campo com menos importância do que qualquer outro. (HITLER, 1934).

Essa igualdade grandemente defendida e fomentada pelo discurso do Partido Nazista, também visava o sistema educacional que tinha, até então, certo tipo de igualitarismo. A questão de gênero também entra como objeto para difusão da igualdade, a experiência coletiva entre meninos e meninas era oportunizada igualmente, o individualismo não tinha espaço e a cada atividade eles se unificavam como camaradas, de acordo com Koch (1973).

Nessa mesma visão de unificação das massas e controle pelo trabalho, a fim de conquistar o esplendor de uma Alemanha de outrora, segundo Koch (1973), estava evidenciado dentro desses conceitos o discurso de higiene racial, que nada mais é que a seleção feita pelo Estado dos seres humanos com as melhores capacidades intelectuais, morais e físicas para produzir a próxima geração forte e capaz para as fileiras da nação.

As forças cegas da seleção natural, como agente propulsor do progresso, devem ser substituídas por uma seleção consciente e os homens devem usar todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo e processo da evolução nos tempos passados, a fim de promover o progresso físico e moral no futuro. (GOLDIM, 1997).

Sob a luz dessas proposições Hitler (1962 apud DIEHL, 1996, p. 65) afirma que: “deve-se providenciar para que só pais sadios possam ter filhos. Só há uma coisa vergonhosa: que pessoas doentes ou com certos defeitos possam procriar, e deve ser considerada uma grande honra impedir que isso aconteça.”

O plano do Partido Nazista revigora velhos movimentos políticos, como o pangermanismo, que defendia a união dos povos germânicos da Europa Central. Essa ideia fora fundida às aspirações dos nacionalistas uma vez que também visa a união de culturas e tradições.

Na campanha travada por Hitler para persuadir o povo, ele prometia aquilo que os alemães desejavam ouvir, ter, conquistar, de certo modo. Eles desejavam acima de tudo a restauração da “caótica e derrotada Alemanha” (SHIRER, 2008, p.122). Entretanto, Hitler oferecia mais: prometia um lugar de direito, privilegiado no mundo europeu. Reconstruindo assim o estado para que isso fosse possível em um “novo tipo de Estado” (SHIRER, 2008, p.122) que necessitaria de um comando absoluto abaixo de um líder supremo, que teria a missão mais importante de todas: restaurar a Alemanha.

Há também a questão territorial, o denominado espaço vital, para Hitler. Ele sempre desenvolvia longos discursos acerca disto. Também escreveu exaustivamente em “Minha Luta” sobre esse problema. Pelo seu ponto de vista, os problemas enfrentados na Alemanha resumiam-se em dois pontos essenciais: a posição do Estado francês em relação ao alemão e a limitação do território nacional alemão. Seguindo esse pensamento, dever-se-ia “ajustar contas com a França, o inexorável e mortal inimigo do povo alemão” (SHIRER, 2008, p. 124), a fim a expurgar o Estado francês e em seguida executar o plano de expansão das fronteiras alemãs.

Apenas um grande e adequado espaço neste mundo garante a uma nação liberdade de existência [...] Sem levar em conta “tradições” e preconceitos, deve [o movimento nacional-socialista] encontrar disposição para unir nosso povo e sua força numa arrancada pela estrada, que levará este povo, hoje vivendo num restrito espaço vital, a novas terras e a novos solos [...] Precisamos manter inabalável nosso propósito [...], a fim de assegurar ao povo alemão a terra e o solo a que tem direito [...]. (SHIRER, 2008, p. 124).

Hitler pode ser acusado de qualquer coisa, menos de não ter exposto claramente “qual a espécie de Alemanha que ele desejava construir [...] e que espécie de mundo tencionava criar com as conquistas armadas” (SHIRER, 2008, p. 122).

3.5 O PARTIDO NAZISTA E SUAS ESTRATÉGIAS PARA CHEGAR AO PODER NA REPÚBLICA DE WEIMAR

Segundo Fiorini (1963, p. 100), entre 1924 e 1929, “a Alemanha já estava praticamente de pé, apesar de que, no seu interior, as forças nacionalistas exacerbassem a

ideia de uma Alemanha escravizada, explorando-a em direção subversivo-revanchista”. Neste sentido, embora o país estivesse passando pela reestruturação, o mesmo não aconteceu em relação à política.

Conforme o relato de Shirer (2008), a transformação operada na Alemanha, a partir de 1925, era deveras impressionante.

Uma excitação maravilhosa se operava na Alemanha; a vida parecia mais livre, mais moderna e mais emocionante que em qualquer outro lugar que jamais conheci. A arte e a vida intelectual em nenhuma parte pareciam tão vivas. Na literatura, na pintura, na arquitetura, na música e no drama contemporâneos havia novas correntes e superiores talentos. E em tudo havia a marca da juventude. Sentava-se com os moços nos cafés, ao ar livre, à noite, ou nos bares de luxo, nos acampamentos de verão, num vapor da Renânia ou num estúdio esfumaçado de artista, e conversava-se interminavelmente sobre a vida. Eram saudáveis, despreocupados, amantes do Sol, tomados de imensa satisfação pela vida intensa e completamente livre. O velho e opressivo espírito prussiano parecia estar morto e sepultado. Quase todos os alemães com quem se falava [...] pareciam ser democratas, liberais e mesmo pacifistas. (SHIRER, 2008, p. 168).

Em meio a esta aparente “calmaria”, Hitler admitiu que deveria aguardar a hora certa. A máquina partidária onde ele colocava suas esperanças estava travada. Reconheceu que para seus objetivos serem alcançados era necessária a reestruturação de seu partido e de suas estratégias e manobras. No entanto, o cenário de aparente prosperidade não oferecia oportunidade alguma para as investidas nazistas.

Adolf Hitler também estava impossibilitado de falar em público e cumpria esta proibição a contra gosto, mas se fazia necessário para legitimar-se. Sua campanha para conquista do povo não fora totalmente parada, as ideias e propostas do Partido eram articuladas por meio de propagandas cuidadosamente planejadas, mas sem seu poderoso arauto não se mostrava suficientemente cativante para conquistar o povo.

Hitler compreendeu que o Partido precisava e deveria ser reestruturado e restaurado a um padrão de influência considerável. Empreendeu no período de 1924 a 1929 essas mudanças, tendo como norte dois objetivos básicos que, segundo Shirer (2008), constituía-se em sua meta fundamental: a concentração do poder em sua pessoa e o restabelecimento do “Partido Nazista como organização política, que procuraria alcançar o poder unicamente por meios constitucionais” (SHIRER, 2008, p. 169). Centrando-se em orientações estruturais do exercido e em seus objetivos. A organização do Partido, conforme Shirer (2008), se dá basicamente em dois grandes grupos denominados de PO I e PO II. Segundo o referido autor, o PO I tinha como função primordial “atacar e minar o governo” (SHIRER, 2008, p. 171) e o PO II, que contava com diversos departamentos, deveria se

reservar a cumprir com a missão de “constituir um Estado dentro do Estado” (SHIRER, 2008, p. 171). Além desses grupos, havia outra divisão deveras importante para o partido, a Divisão de Propaganda.

A fim de conseguir a ascensão do partido, era necessário engrossar suas fileiras. Objetivando atrair novos membros, o líder nazista instituiu dentro do partido “diversas organizações divididas por sexo, faixa etária e categorias sócio-profissionais” (LENHARO, 1986, p. 23). Criou-se para as crianças de 10 a 14 anos, a Deutsches Junvolk; para os adolescentes de 15 a 18 anos, a HitlerJugend; e para as jovens até 21 anos, a Bund Deutscher Mädel; para as mulheres, fora criada a N.S. Frauenschaften. Para buscar intelectuais artistas, fora desenvolvido a Kulturbund. Conforme os autores Shirer (2008) e Lenharo (1986), havia ainda outras que tinham o intuito de atrair para as fileiras nazistas estudantes, professores, funcionários públicos, médicos, advogados, juristas e demais categorias. Dessa forma o Partido queria abarcar os mais variados indivíduos para si, de crianças a idosos.

A Juventude de Hitler congregava jovens de quinze a dezoito anos e tinha seus próprios departamentos de cultura e escolas, de imprensa, serviços de propaganda, de 'esportes de defesa', etc., e os jovens de dez a quinze anos eram inscritos na Deutsch Jungvolk. Para as moças havia a Bund Deutscher Maedel e, para as mulheres, a N. S. Frauenschaffen. Estudantes, professores, funcionários públicos, doutores, advogados, juristas – todos possuíam suas organizações, e existia um Kulturbund nazista para atrair os intelectuais e artistas. (SHIRER, 2008, p. 171).

Dando sequência ao projeto de adesão das massas ao Partido, houve a reorganização das S.A. “como grupo armado de algumas centenas de milhares de homens, para proteger os meetings nazistas, dissolver os dos outros e generalizar o terror entre os que se opusessem a Hitler” (SHIRER, 2008, p. 171). Fora criado também a Schutztaffel, também conhecida como a S.S., uma espécie de guarda pessoal para o Führer. Como nos mostra Fiorini (1963), as S.S., no principio, eram um pequeno braço paramilitar do partido com uma função de defesa e de proteção. “a elite do nazismo” (FIORINI, 1963, p. 190). Essa unidade era formada por homens da elite que eram selecionados perante três requisitos essenciais: a pureza racial, a fidelidade incondicional ao NSDAP e a lealdade à Hitler. “Para vestir o uniforme negro da S.S. fazia-se necessário, primeiramente, prestar um juramento de lealdade ao Führer”. (SHIRER, 2008, p. 172).

Acima de todos, no comando supremo de todas as divisões e organizações internas do Partido estava personificado na figura do Führer, e este era Adolf Hitler, que de acordo com Shirer (2008), passou a ostentar o título de Partei-und-Oerster-S.A.-Führer, Vorsitzender der N.S.D.A.P. (líder supremo do partido e das S.A., presidente do Partido

Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores). Com todas essas modificações, o partido alcançou as metas esboçadas por seu Führer.

Goldhagen (1997) relata que o NSDAP após todas as manobras empreendidas em sua reestruturação tornou-se uma “força política dominante em Weimar” (GOLDHAGEN, 1997, 98), contudo, apesar das campanhas por todo o país e mesmo depois da reestruturação estrategicamente articuladas pelo Partido, sua influência ainda era fraca para as aspirações do seu líder, como fora constatado nas eleições de 1928. Contudo, o que não se sabia naquele ano era que no ano seguinte, 1929, nasceria a oportunidade para a máquina política nazista.

Os acontecimentos do ano de 1929 marcaram o mundo durante gerações, e sua repercussão na Alemanha representou o início decisivo da máquina bem lubrificada do Nazismo. A quebra da Bolsa de Nova Iorque fora responsável por desencadear uma crise mundial de proporções abissais. A Alemanha, sem dúvida alguma, sofre o mais pesado golpe. Segundo Almeida (1999), esta crise “golpeou a Alemanha de forma especial” (1999, p. 98), pois sua estrutura econômica estava voltada totalmente para fora. Era excessivamente dependente dos empréstimos e investimentos norte-americanos. Assim, não demorou muito para que o país entrasse novamente em colapso. A queda das exportações juntamente com a massiva retirada do capital estrangeiro do país aliado “a dificuldade para a importação de matérias-primas” (ALMEIDA, 1999, p. 98,99) teve como consequências a paralização da produção industrial alemã e, por sua vez, a demissão em massa.

O desemprego na Alemanha, em março de 1929, já atingia a 2,8 milhões de trabalhadores registrados sem trabalho. Em fevereiro de 1931, havia perto de 5 milhões de pessoas desempregadas e, um ano depois, essa cifra subira para mais de 6 milhões. O governo alemão, sob pressão política crescente, adotou políticas ortodoxas de deflação que resultaram em redução salarial e ainda mais desemprego. (HENIG, 1985, p. 24).

Com essa ruptura abrupta dos padrões de vida aos quais a sociedade estava se acostumando novamente, Hitler vê sua oportunidade. A crise econômica atingia níveis astronômicos, superiores aos vivenciados no pós-guerra. A centelha disparada pela crise acendeu nos corações dos alemães o fogo que lhe a muito havia se extinguido, as lembradas da humilhação de 1918 foram revividas. Sentimentos esses que Adolf Hitler soube explorar com extrema maestria. As eleições, marcadas para setembro de 1930, ofereciam ao líder nazista a oportunidade de chegar ao coração do povo e conquistar seu apoio.

O povo, fortemente oprimido, exigia soluções para sua aflitiva situação. Milhões de desempregados queriam emprego. Os pequenos negociantes desejavam ajuda. Uns quatro milhões de jovens, que vinham de alcançar a idade de voto desde a última eleição, ansiavam por alguma perspectiva de futuro que lhes permitisse pelo menos

viver. A todos os milhões de descontentes, Hitler, numa campanha turbilhonante, oferecia aquilo que se lhes afigurava, em sua miséria, alguma esperança. Tornaria a Alemanha novamente poderosa; não pagaria as reparações; repudiaria o Tratado de Versalhes; eliminaria a corrupção; arrancaria o dinheiro dos magnatas (especialmente se fossem judeus); e faria com que todo alemão tivesse trabalho e pão. (SHIRER, 2008, p. 193).

O povo, em meio ao tormento, esperava respostas que os governantes atuais não podiam dar. O povo alemão se encontrava em total desespero perante as incertezas do quadro em que a Alemanha se encontrava. No ano de 1930, o Partido de Hitler apresenta respostas às indagações dos alemães. Num cenário desesperador as massas tendem a se agarrar a qualquer alicerce que lhes prometa confiança no amanhã. Hitler ressurgiu para explorar essa situação, prometendo às massas trabalhadoras a restauração dos empregos, a barriga cheia e o corpo quente, esperanças para um povo desiludido que as agarra como abelha ao mel. O povo queria respostas para os tormentos que o acometia, Hitler oferecia essas respostas de maneira que se tornava fácil o convencimento de que, de fato, a culpa estava na República que não soube libertar-se dos pesados grilhões de outrora.

Hitler era o arauto da esperança. Desse momento para a conquista de cargos no governo seria questão de tempo. A centelha já fora acesa e queimava com paixão nos corações dos partidários e das massas, a semente já estava aconchegada na terra, restava apenas colher os frutos num futuro próximo. O resultado das eleições trouxe a confirmação dessa frutificação, surpreendendo até mesmo o próprio líder do NSDAP. “[...] a votação do Partido Nazista subiu a 6.409.600, cabendo-lhe 107 cadeiras no Parlamento e fazendo-o saltar da condição de nono e menor partido para segundo maior partido do Reichstag.” (SHIRER, 2008, p. 193).

A comoção propagandista nazista e a súbita ascensão política do NSDAP despertam o interesse “de duas vigas mestras na nação [...] o exército e o mundo dos grandes homens da indústria e das finanças” (SHIRER, 2008, p. 194). Atraídos pelo carisma do Führer e por desejar ver a República ruir de vez, Hitler ganhou dois grandes aliados e o financiamento necessários para a manutenção do Partido. Conforme Almeida (2008), fora de crucial apoio para a ascensão do NSDAP essa associação com os grandes empresários alemães, que começou a colher os frutos com as vitórias crescentes nas urnas.

Os nazistas entusiasmados “lançaram-se à campanha com mais fanatismo e vigor do que nunca” (SHIRER, 2008, p. 229), chegando a movimentar enormes massas de ouvintes para escutar as palavras de Hitler. O que confirmava que ele estava no caminho certo para seus objetivos. Nas eleições de julho de 1932, os nazistas conseguiram uma vitória que Shirer (2008) classifica de retumbante. Com quase quatorze milhões de votos recebidos, os nazistas

conquistaram 230 cadeiras no Reichstag e a coroação do NSDAP como o Partido mais poderoso na Alemanha, conforme afirmam Goldhagen (1997), Shirer (2008) e Lenharo (1986).

Iniciado o ano de 1933, como afirma Shirer (2008), a República de Weimar estava prestes a desaparecer. No dia 30 de janeiro de 1933, o então presidente da República, Marechal-de-campo Von Hindenburg, após a demissão do general Kurt Von Schleider, nomeou Hitler para o posto de chanceler.

Desta forma, pela porta dos fundos, por intermédio de acordos políticos escusos com os reacionários da velha escola que ele particularmente detestava, o antigo vagabundo de Viena, o negligente da Primeira Guerra Mundial, o revolucionário violento, tornou-se chanceler de uma grande nação. (SHIRER, 2008, p. 253).

No entanto, a nomeação de Hitler para a chancelaria ou para qualquer outro cargo não estava nas pretensões do Presidente. Este o fez pela pressão sofrida de alguns de altos cargos e homens de renome na sociedade alemã. Tal nomeação levou as massas à agitação, irrompendo as ruas, ovacionando o novo chanceler. O desfile delirante das tropas de assalto nazista, acompanhados de centenas de bandas que tocavam velhas marchas marciais, contagiava a todos os espectadores. A comemoração foi chamada pelos nazistas de “o despertar da Alemanha” (BARTOLETTI, 2006, p. 23). Dentre eles, até o presidente Hindenburg ficou entusiasmado com aquela demonstração pública de euforia e comemoração. Acompanhando pela janela do palácio, se deixou levar, “aparentemente satisfeito por ter, afinal escolhido um chanceler capaz de despertar o entusiasmo do povo de um modo tradicionalmente alemão” (SHIRER, 2008, p. 21).

Com plenos poderes, Hitler agora é o Chefe de Governo da Alemanha. A chegada do NSDAP ao poder colocou fim a democracia parlamentar estabelecida na Alemanha com a República de Weimar. Com Hitler no posto de Chanceler, a Alemanha assumiu rapidamente um sistema de governo no qual, segundo Shirer (2008), apresentou uma aceitação de noventa por cento da população, o que representava cerca de 40 milhões de pessoas apoiando Adolf Hitler, o Führer.

3.6 O “MEIN KAMPF” COMO SÍNTESE DA IDEOLOGIA NAZISTA E INSTRUMENTO DE PROPAGANDA POLÍTICA DO PARTIDO NAZISTA

Adolf Hitler era um exímio orador, entretanto também se aventurava na arte da escrita. Sua obra *Mein Kampf*, *Minha Luta*, inicia como uma autobiografia, apresentando suas

aspirações e, em seguida, acusações contra o que “estava de errado” na sociedade Alemã da época. Concebida entre 1925-1927, iniciada no cárcere em Landsberg. Com o intuito de oferecer ao povo alemão uma nova concepção filosófica da sociedade, e com dogmas totalitários, acenava libertar o povo das correntes que estavam presos.

Esta obra foi a pedra angular da construção da ideologia do Partido, da difusão das suas ideias e dogmas para a sociedade e da ascensão do Nazismo ao poder em 1933. Sua narrativa é de certa forma retórica, entretanto tão eloquente e simples que busca as massas para a adesão de suas ideias.

Em *Mein Kampf*, Hitler buscava montar uma imagem de si como salvador, como detentor de uma missão, incumbido pela Divina Providência para orientar e guiar o povo alemão. Acima de tudo, a missão de sua obra era conquistar os corações dos alemães, humilhados pelo Tratado de Versalhes, os amantes do Nacional Socialismo e os descontentes trabalhadores do Reich.

Ao desejar que fosse visto pelo povo em um caráter messiânico, Hitler já entendera que ao responder as perguntas dos descrentes na República, motivaria os desmotivados com palavras de ordem e esperança. Sua obra é o reflexo do seu caráter e do seu desejo de conquistar multidões. Entretanto ele sabia “muito bem que se conquistam adeptos menos pela palavra escrita do que pela palavra falada e que, neste mundo, as grandes causas devem seu desenvolvimento não aos grandes escritores, mas aos grandes oradores”. Hitler (1983, p. 1).

O Projeto Nazista constituiu um governo particularmente único, onde uma sociedade seguindo o seu líder abandona a individualidade em prol do projeto do Estado, por meio de um nacionalismo exacerbado, do autoritarismo, belicismo, antiliberalismo, antissemitismo, anticomunismo, antiparlamentaríssimo e pela coletividade do povo.

No *Mein Kampf*, o autor se utiliza de fatos históricos, artifícios, paixões, apelos, crenças religiosas e valores conservadores para doutrinar seus leitores. Ao analisar a obra observa-se no seu plano capitular uma sequência de ideias promovidas por Hitler a fim de conquistar empatia em um primeiro momento e depois denunciar, segundo HITLER (1983), os “vícios profundos e orgânicos” da sociedade alemã. Ele compreendia a sociedade em Viena como sendo a sociedade de toda a Alemanha, passando dificuldades ele canaliza seu ódio para os não-alemães que roubavam seu pão e futuro. Aqui vemos um de seus muitos argumentos do capítulo intitulado “Povo e Raça” (*Volk und Rasse*).

Já a observação mais superficial nos mostra, como lei mais ou menos implacável e fundamental, presidindo a todas as inúmeras manifestações expressivas da vontade de viver na Natureza, o processo em si mesmo limitado, pelo qual esta se continua e se multiplica. Cada animal só se associa a um companheiro da mesma espécie. O abelheiro cai com o abelheiro, o tentilhão com o tentilhão, a cegonha com a cegonha, o rato campestre com o rato campestre, o rato caseiro com o rato caseiro, o lobo com a loba, etc.

Só as circunstâncias extraordinárias conseguem alterar essa ordem entre as quais figura, em primeiro lugar a coerção exercida por prisão do animal ou qualquer outra impossibilidade de união dentro da mesma espécie. Aí, porém, a Natureza começa a defender-se por todos os meios necessários, e seu protesto mais evidente consiste, ou futuramente privar os bastardos da capacidade de procriação ou em limitar a fecundidade dos descendentes futuros. Na maior parte dos casos, ela priva-os da capacidade de resistência contra moléstias ou ataques hostis.

Isso é um fenômeno perfeitamente natural: todo cruzamento entre dois seres de situação um pouco desigual na escala biológica dá, como produto, um intermediário entre os dois pontos ocupados pelos pais [...]. Semelhante união está, porém, em franco desacordo com a vontade da Natureza, que, de um modo geral, visa o aperfeiçoamento da vida na procriação. Essa hipótese não se apóia na ligação de elementos superiores, mas na vitória incondicional dos primeiros. O papel do mais forte é dominar. Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria. Somente um débil de nascença poderá ver nisso uma crueldade, o que se explica pela sua compleição fraca e limitada. Certo é que, se tal lei não prevalecesse, seria escusado cogitar de todo e qualquer aperfeiçoamento no desenvolvimento dos seres vivos em geral. (HITLER, 1983, p. 185).

Nesta citação vemos que o autor tem ideias que, segundo ele, estavam de acordo com as leis da Natureza. Em que tal força levava as raças a ficarem puras e somente assim alcançar os mais elevados padrões de uma sociedade. Esse isolamento dentro de sua espécie se dava pelo fato da natureza eliminar os fracos e juntar os fortes, para tal necessitaria respeitar a máxima natural.

Segundo suas crenças, Hitler legitima o racismo Nazista por meio de postulados da evolução das espécies e de sua lei Natural. Nesse contexto, o arianismo constituiu um atrativo jogado pelo autor para conquistar os corações das massas, fazer-lhes se sentirem especiais. Parte de algo superior, de um todo muito maior, um indivíduo que estava humilhado ao escutar tal arauto se sentiria revigorado, pleno de orgulho e força, renovado para quaisquer demandas exigidas.

Convencendo o povo alemão de tal superioridade, Hitler já teria um objetivo cumprido, o resto do mundo seria subjugado por seu expansionismo. A mestiçagem racial não era algo natural para ele. A tendência Natural das coisas era a purificação e que na mistura só encontraria a própria destruição “que em toda mistura de sangue entre o Ariano e povos inferiores, o resultado foi sempre a extinção do elemento civilizador”. (HITLER, 1983, p. 186), justificando tal discurso com fatos históricos, tais como os antigos impérios que pereceram, segundo o autor, pelo “empobrecimento” da raça, pela mistura racial e por consequência disso caíram em ruína. “As causas exclusivas da decadência de antigas

civilizações são: a mistura de sangue e o rebaixamento do nível da raça, que aquele fenômeno acarreta [...]. Tudo o que no mundo não é raça boa é joio.” (HITLER, 1983, p. 192).

Defendia que o Ariano tinha em seu interior a chama da vitória, o combustível para dar passos firmes rumo ao avanço. Que tal sangue tem dotes inatos que provem de sua raça pura. E que os demais povos são uma escada para eles, que o ariano deveria trabalhar com eles para que pudessem ser suas ferramentas.

Sem tal possibilidade de empregar gente inferior, o ariano nunca teria podido dar os primeiros passos para sua civilização, do mesmo modo que, sem a ajuda dos animais apropriados, pouco a pouco domados por ele, nunca teria alcançado uma técnica, graças à qual vai podendo dispensar os animais. O ditado: <o negro fez a sua obrigação, pode se retirar>, possui infelizmente uma significação profunda [...]. Só os bobos pacifistas é que podem enxergar nisso um indício de maldição humana. (HITLER, 1983, p. 191-192).

Entretanto, havia um ódio gritante nos corações do povo, nos corações dos Nazistas, nos corações, segundo o autor, da nação alemã. E tal ódio necessariamente precisava ser canalizado para um fim lucrativo. Direcionando este ódio para um inimigo em comum, Hitler tira proveito em dobro de tal marca: uma ele unifica as massas sob uma mesma bandeira contra um inimigo em comum e ataca os judeus que a seu ver era a causa de todos os problemas na Alemanha, inferiorizando-os em seu livro, os demonizando perante a sociedade, os acusando dos mais malignos crimes. Eles eram os bodes expiatórios dos problemas sociais. E Hitler explica a razão para tal:

O judeu é que apresenta o maior contraste com o ariano. Nenhum outro povo do mundo possui um instinto de conservação mais poderoso do que o chamado <Povo Eleito>. Já o simples fato da existência desta raça poderia servir de prova cabal para essa verdade. (HITLER 1983, p. 195).

Sobre a Doutrina Judaica, Hitler (1983, p. 198) afirma que:

a doutrina judaica é, em primeiro lugar, um guia para aconselhar a conservação da pureza do sangue, assim como o regulamento das relações dos judeus entre si, mas ainda com os não judeus, isto é, com o resto do mundo. Não se trata de problemas morais, e sim de questões econômicas muito elementares.

No entender de Hitler, os judeus eram um povo sem terra, sem pátria, que vinham para as terras alheias infestá-las, roubar o pão da mãe, o trabalho do pai e o lazer da criança. Neles esta o egoísmo, a falsidade, o interesse em tomar tudo. Hitler reserva uma boa parcela em paginas do Mein Kampf para descrever os judeus da forma mais pejorativa possível a fim de fortalecer a ideia de que o mal da sociedade alemã é o judeu, o mal do mundo é o judeu.

“Nenhum escrúpulo moral entrava sua ação” (HITLER 1983, p. 196), pois seu espírito de sacrifício só vem para benefício próprio, para perdurar e destruir tudo o que toca.

Segundo Hitler (1983), a mistura de raças é obra judaica “na sua petulância: o homem vence a própria Natureza” (HITLER 1983, p. 196), sendo os judeus os causadores disso. E, conforme Hitler, para consolidar sua posição no Estado, o judeu, povo sem nação, destrói as barreiras sociais e de cidadania e tudo o mais que tiver pela sua frente para alcançar seus objetivos.

Imputando todo o mal aos judeus, Hitler (1983) promove o Projeto Nazista contra essa raça, pautando-se em afirmações, tais como: “eles só tem vistas à lucratividade”; “o proletariado tem que trabalhar para o benefício do povo judeu”; “a exploração do trabalhador é um artifício judaico”; “A luta judaica não consiste unicamente na conquista econômica do mundo, mas também na dominação política”, buscando a destruição de todas as bases da sociedade para um projeto de dominação mundial.

Assim, condenando os meios pelos quais os judeus pretende dominar o mundo, Hitler consegue disseminar suas ideias antissemitas em toda a nação, conquistando seguidores dispostos a embarcar em sua jornada contra esse povo maligno. Seu poder de persuasão é tamanho que consegue engrossar suas fileiras por meio de tais paginas. A propaganda antissemita dá para as massa um inimigo plausível, segundo o autor, a quem creditar todas as responsabilidade pelos seus infortúnios. Sustentando, assim, os pontos da ideologia nazista, que por sua vez era absorvido pela massa.

Hitler tenta, também, implementar a ideia de coletividade entre o povo a fim de extrair do interior de cada pessoa sua nacionalidade. Cada alemão é um membro participante da sociedade e tem que se sentir parte de tal sociedade. Deve ter orgulho acima de tudo de fazer parte do Reich Alemão.

O Estado nacionalista divide seus habitantes em três classes: cidadãos, súditos e estrangeiros. Só o nascimento dá, em princípio, o direito de cidadania, Não dá, porém, o direito de exercer cargo público ou tomar parte na política, para votar ou ser votado. Quanto aos chamados súditos, a raça e a nacionalidade terão sempre que ser declaradas. A esses é livre passarem dessa situação à de cidadãos do país, dependendo isso da sua nacionalidade. O estrangeiro é diferente do súdito no fato de ser súdito em um país estrangeiro [...]. Deve ser uma honra maior ser varredor de rua em sua Pátria do que rei em país estrangeiro. (HITLER, 1983, p. 274).

Adolf Hitler chegou ao poder efetivo somente em 1933 quando assume a chancelaria do Reich. Entretanto sua propaganda surtiu efeito. Suas teses descritas nessas paginas, no Mein Kampf, alcançaram uma parcela considerável do povo alemão, dos pais aos filhos, das mães as filhas, dos avós aos netos. Entretanto o livro não se limitou somente a

Alemanha, mas percorreu o mundo, fora traduzido e espelhado pelos quatro cantos do globo. “Com esse livro eu não me dirijo aos estranhos, mas aos adeptos do movimento que aderiram de coração e que aspiram esclarecimentos mais substanciais”. (HITLER, 1983, p. 3).

3.7 OS INSTRUMENTOS DE PROPAGANDA IDEOLÓGICA, ALÉM DO MEIN KAMPF, UTILIZADOS PELOS ESTRATEGISTAS DO NAZISMO PARA CONVENCER E MOBILIZAR OS ALEMÃES PARA A ADESÃO AO PROJETO NAZISTA DE PODER

Joseph Goebbels era um homem de exímia maestria nas artes do controle das massas, por muitos considerado como o braço direito de Adolf Hitler e principal suporte na campanha que o Führer travava na Alemanha.

Goebbels nasceu em Rheydt, uma cidade da Renânia, em 29 de Outubro de 1897. Estudou Filologia na universidade de Heidelberg em 1921, apesar de sua família querer que se consagrasse padre. De pais católicos, Fritz Goebbels e Marian Goebbels, tentou alistar-se no exercito alguns anos antes, mas fora rejeitado por uma de suas pernas ser mais longa que a outra.

Sempre teve um ímpeto exacerbado nacionalista, alimentado mais ainda pelo resultado da Primeira Guerra Mundial. Porém, o encontro de Goebbels como o grupo nacional-socialista ocorre apenas em 1924. Ele era um ótimo orador e conseguiu ser administrador do distrito do NSDAP em Elberfeld. Era novembro de 1926 quando foi nomeado por Hitler como líder de distrito em Berlim.

Já em 1928 subiu ao cargo de Diretor de Propaganda do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemão. A partir daí começou a produzir o mito do Führer em torno de Adolf Hitler. Estabelecendo os parâmetros da teatralidade dos comícios, os ritos e celebrações do Partido, que teve um papel muito impactante nas massas para a adesão do projeto Nazista.

De acordo com Diehl, (1996), a campanha propagandista de Hitler e Goebbels era pesadamente estruturada, a fim de atrair o maior numero de simpatizantes para a causa. Hitler, desde o inicio, sabia da importância que este recurso político tinha para o controle e atração das massas para seus propósitos. Ele teve essa experiência empiricamente comprovada por seus inimigos. “[...] muito se poderia ter aprendido do inimigo, sobretudo aquele que, de olhos abertos e com o sentido alerta, observasse a onda de propaganda inimiga durante os quatro anos e meio de guerra.” (HITLER, 1983, p.122).

Nesse sentido, Adolf Hitler expõe, no “Mein Kampf”, que aprendeu a utilizar a propaganda com seus inimigos de fato.

Não nos faltava oportunidade para pensar sobre essas questões. Infelizmente as lições práticas eram fornecidas pelo inimigo e custaram-nos caro. O adversário aproveitou, com inaudita habilidade e cálculo verdadeiramente genial, aquilo de que nos havíamos descuidado. (HITLER, 1983, p.167).

A propaganda era algo intimamente ligado ao Partido. Segundo Diehl (1996), o NSDAP a utilizava com maestria para instaurar a imagem que o Nazismo era uma força poderosa em ebulição que carregaria e arrastaria os demais membros da sociedade e sua função para com ela para o meio do olho do furacão:

[...] A propaganda desempenha um papel central no nacional-socialismo, sem ela é impossível se pensar o mundo totalitário. Para o NSDAP, a propaganda é a principal base do partido, sendo responsável tanto pela convenção dos simpatizantes como pela manutenção da ordem artificial criada por ele. É necessário frisar que, no caso, a propaganda não se restringe apenas aos meios de comunicação de massa, mas tende a abranger todas as atividades sociais [...]. (DIEHL, 1996, p. 81).

Não se via grande elaboração no que se consta da propaganda em si. Ela era bem simplificada, pois, segundo Hitler, quanto maior a simplificação das propagandas para as grandes massas, melhor elas iriam absorver a ideia e aceitariam os conceitos que ali estavam impregnados. Sendo desse modo “as grandes massas têm uma capacidade de recepção muito limitada, uma inteligência modesta, uma memória fraca”. (LENHARO, 1986, p. 47). A saudação “Heil Hitler” era estritamente política, para lembrar a população de seu lugar na sociedade Nazista e para que houvesse a manutenção da crença do mito messiânico em Hitler.

Domenach (1955) comenta que quando um indivíduo entra para o grupo, ele perde suas características de indivíduo e passa a se comportar estritamente como um todo. Ficando assim, também, obviamente, mais suscetível a influências externas, facilitando o direcionamento como ponta de flecha a um alvo marcado, tomando ações baseadas nas emoções. Conforme Domenach (1955), “o povo, em grande maioria, está em uma disposição e em um estado de espírito a tal ponto feminino, que as suas opiniões e seus atos são determinados muito mais pela impressão produzida nos sentidos que pela reflexão pura”. (1955, p. 41).

Nas aspirações de Goebbels, eram visíveis as pretensões que ele tinha para a propaganda. Ela era fundamental para o controle das massas e sua manutenção era necessária. Dever-se-ia controlar sabiamente os meios por onde essa influência era introjetada na sociedade, de tal modo que não fosse uma dose maior que essa sociedade pudesse absorver,

conforme observa Domenach (1955). Sendo assim, com sutileza e firmeza nas doses administradas para a população, conseguir-se-ia o resultado esperado.

É esse o segredo da propaganda: atingir aqueles que a propaganda quer atingir, intoxicá-los com as ideias veiculadas sem que eles o notem. Claro que a propaganda tem um objetivo, mas esse objetivo tem de ser tão bem camuflado que aqueles que o devem absorver não se percebiam de nada. (GOEBBELS, 1996).

Entretanto, até quando essa propaganda deveria ser utilizada para os fins de controle de massa? Adolf Hitler e Joseph Goebbels discordavam nesse assunto. Para Adolf Hitler, “quando a propaganda já conquistou uma nação inteira a uma ideia, surge o momento asado para a organização, com um punhado de homens, retirar as consequências práticas” (HITLER, 1983, p. 540). Já para Goebbels, a propaganda deveria ser utilizada tanto para atingir os objetivos do partido como também para fazer a manutenção do poder do Estado enquanto o método pudesse manter em alta o entusiasmo e o compromisso da nação para com a ideologia Nazista.

Diehl (1996) informa que em 1933, no dia 12 de março, Hindenburg decreta a criação do “Reichsministerium für Volksaufklärung und Propagand”, O Ministério do Iluminismo Popular e Propaganda, e seu ministro seria nada mais que o braço direito de Hitler, Joseph Goebbels, com o intuito de o Estado controlar e interferir na produção da sociedade no qual, rádio, literatura, propaganda, imprensa e cinema seriam totalmente fiscalizados pelo departamento ideológico do Reich.

[...] O que faz a sua propaganda tão eficaz são principalmente as combinações de elementos coletados de várias fontes, como teatro, ópera, propaganda política e dos meios de comunicação de massa que acabavam de nascer nos anos 20 [...]. (DIEHL, 1996, p. 85).

Segundo o próprio Ministro de Propaganda, Goebbels, “A propaganda significa repetição e ainda mais repetição!”. Sendo desse modo, afirma Domenach (1955), a máquina não poderia parar um segundo sequer. Em todas as facetas da vida alemã, a propaganda está lá, escancarada repetindo em um loop infinito os mesmos argumentos, fazendo a chamada manutenção da ideologia. Técnica defendida pelo Ministro de Propaganda do Reich.

Vê-se em decorrência, a importância do ritmo com que os hitleristas conduziam a propaganda. Jamais cessava, nem no tempo nem no espaço, constituindo-se em permanente tela, visual e sonora, que, embora variando de intensidade, mantinha alerta o povo. (DOMENACH, 1955, p. 56).

Os Nazistas eram exímios propagandistas, e sabiam como ninguém utilizar de slogans e frases de efeito para conseguir seus objetivos. Ainda conforme Domenach (1955),

símbolos de poder também eram fortemente criados, cultivados e disseminados pela pátria. Um dos emblemas mais famosos do mundo até os dias atuais, a Suástica Nazista, traz em seu interior uma série de fatores que Hitler explica. Nela está contida todas as informações ideológicas do NSDAP, “no vermelho, vemos a ideia socialista do movimento, no branco, a ideia nacional, na cruz suástica a missão da luta pela vitória do homem ariano, simultaneamente com a vitória da nossa missão renovadora que foi e será eternamente antissemita”. (HITLER, 1983, p. 460).

Segundo Welch (2002), o Ministério da Propaganda contava, originalmente, com cinco departamentos distintos no qual interferia em uma área específica da sociedade ligada à propaganda e cultura de massa. Entretanto, esses tentáculos enraizaram-se e espalharam-se por toda a Alemanha na forma de sete divisões setoriais. Dentre eles temos, Departamento I: Legislação e Problemas Legais; Orçamento, Finanças e Contabilidade; Departamento II: Coordenação do Iluminismo Popular e Propaganda (propaganda ativa); Órgãos Regionais do Ministério; Academia de Políticas alemã, cerimônias oficiais e demonstrações; Emblemas Nacionais, questões raciais; Tratado de Versalhes; ideologias opostas; organizações da juventude, saúde pública e do desporto; orientais e perguntas frequentes, Comitê Nacional de viagens; Departamento III: Rádio, Companhia Nacional de Radiodifusão (Reichsfunk-Gesellschaft); Departamento IV: Imprensa Nacional e Estrangeira; Jornalismo; Imprensa Arquivos; Novos serviços e Imprensa Nacional de Associação da Alemanha; Departamento V: Filme, Indústria do Filme e Imagem; Censura Cinematográfica, Atualidades; Departamento VI: Teatro; Departamento VII: Música, Artes Plásticas e Cultura Popular.

Para Welch (2002), a intenção era o fácil manuseamento do público para a direção que desejasse. Sem a interferência da imprensa, ou melhor, com a ajuda da imprensa poder-se-ia nortear as massas para aquilo que se desejasse alcançar. Vemos isso na imprensa da época, que fora doutrinação de tal maneira que nem percebiam sua incapacidade perante o domínio do Reich. “Uma das tarefas mais importantes que confrontam o “Reichsministerium für Volksaufklärung und Propagand” (Ministério da Propaganda) quando ele veio ao poder, era a eliminação de fontes alternativas de informação.” (WELCH, 2002, p. 44).

De acordo com Welch (2002, p. 45), nos anos de 1933, quando o Partido alça voo no Estado, tinha em sua posse um total de 86 jornais, tendo uma tiragem diária de 2,4 milhões de exemplares, entrando nas casas de muitos cidadãos alemães. Seus objetivos eram os mesmos dos outros meios de comunicação, com as palavras de ordem e frases de poder, repetindo até a exaustão as ideologias partidárias do NSDAP a fim de intensificar a centelha

nos corações das massas. Com seus ideais contra comunistas, a demonização dos judeus perante a sociedade alemã e a construção a crença do mito do “O Führer”.

Todas as expectativas construídas ao redor do rádio foram atendidas prontamente. Este veículo de comunicação adentrava aos lares alemães com muita facilidade e trazia informações, cultura e entretenimento. O partido acreditava que, por meio dele, seu grande aliado, O Rádio, poder-se-ia tocar o interior das casas a fim de democratizar os discursos e símbolos largamente difundidos pelos Nazistas, de acordo Welch (2002).

Com o intuito de alcançar ainda mais o povo, fora feita uma grande campanha de difusão desse meio de comunicação de massa por toda a Alemanha. Welch (2002) cita a construção do “Volksempfänger” (Rádio Popular) ou abreviado VE301, um aparelho de rádio frequência que captava ondas curtas, com um preço de 76 Reichsmarks. Era o rádio popular alemão, para qualquer e todas as famílias terem. Isto, obviamente, era uma estratégia de Hitler para difusão de suas ideias, antes mesmo de chegar à chancelaria, ele já entendia o real poder do rádio. “Sei muito bem que se conquistam adeptos menos pela palavra escrita do que pela palavra falada e que, neste mundo, as grandes causas devem seu desenvolvimento não aos grandes escritores, mas aos grandes oradores.” (HITLER, 1983, p. 1).

A cultura popular também sofreu repressão por parte dos Nazistas. Segundo a ideologia, tudo o que era ligado a “modelos judeus” tinha caráter negativo para a sociedade Alemã, e por sua vez precisava ser destruído. Desse modo artistas, pintores, cantores, musicistas, uma gama incontável de intelectuais foram perseguidos e destruídos. O poder do partido agora chegava a todos as partes do Reich. Toda a vanguarda alemã fora dizimada, conforme Welch (2000).

Seguindo esses princípios, foi promulgada uma lei que alimentaria o alcance desses dispositivos de repressão. A “Lei do Teatro” consistia no controle e molde das belas artes pelas premissas do Partido, “as artes são para o Estado nacional-socialista um exercício público. Elas não são apenas estéticas, mas moral na natureza e, portanto, o interesse público exige não apenas a supervisão da polícia, mas até orientação”. (WELCH, 2002, p. 32).

De acordo com Lenharo (1990), o cinema já era uma ideia bem difundida na Alemanha e no mundo. Ele muito teve a ver com a subida do Partido para o poder e com sua manutenção. O cinema alemão recebeu grande atenção do Estado, uma vez que era de extrema importância a divulgação de informações pertinentes a ideologia Nazista.

Para Lenharo (1990, p. 52), “a escalada eleitoral dos nazistas teve muito a ver com a utilização do cinema, “um dos meios mais modernos e científicos de influenciar as massas”, de acordo com a afirmação de Goebbels.”

O cinema era visto como uma das principais armas, juntamente com o rádio, para propagar ideias e divertir as massas. O mercado cinematográfico era muito consumido e tinha muita influência na sociedade alemã da época, conforme Lenharo (1990). Entretanto, o Departamento V supervisionava toda e qualquer criação, a fim de proteger o povo sobre ideologias “contrárias e perigosas” e alinhar o conteúdo produzido ao bem estar social do Reich.

Avalia-se que o Terceiro Reich tenha produzido cerca de 1.350 obras cinematográficas, sendo dos temas mais variados possíveis. Na inocência desses filmes eram introduzidos os ideários nacionalistas para jovens, adultos e idosos, sendo que todas as parcelas da população consumiam os filmes. Conforme Lenharo (1990), os temas preferidos pelos adolescentes eram que tivessem forte espírito de luta, patriotismo e heroísmo de soldados alemães.

Em um primeiro momento fora introduzida de leve e timidamente a ideia de inimigos públicos os marxistas, comunistas, judeus, outros povos como eslavos, russos, ingleses. Eram as bases para a implementação do antissemitismo racial e da superioridade ariana no cinema. Ao passo que o tempo ia passando, esses papéis de “vilões” foram ficando mais agressivos e delineados. Galgando nas práticas do Estado e nos filmes essa difusão de ideias. Essa dualidade, entre o bem, os nazistas, e o mal, os “outros”, estava sendo, lenta, progressiva e firmemente implantada com o passar do tempo até o ponto da caça aberta aos Judeus e aos “outros” ser algo aceitável e fortemente apoiado pela sociedade alemã, conforme Lenharo (1990).

O “Triumph des Willens” (Triunfo da Vontade) foi um filme de Leni Riefenstahl, diretora escolhida pelo próprio Führer para documentar um grande evento que aconteceria entre os dias 4 e 10 de setembro do ano de 1934 em Nuremberg. Era um congresso que reunia todas as camadas militares, adeptos do Partido e outras figuras de influência Nazista. Segundo ela, rejeitou o convite de fazer tais gravações antes de uma reunião com o Führer mudar sua decisão e levá-la a aceitar a direção. (RIEFENSTAHL 1995).

A obra “Triunfo da Vontade” veio para mistificar a comunhão entre Hitler e as massas nazistas, evidenciando a solidariedade entre os trabalhadores e seu líder. Mas, acima de tudo, foi planejado para retratar o poder máximo dos soldados que o Partido angariava, enfileirados em seus pelotões, a postos para o combate; mostrava acima de tudo a força do Terceiro Reich de Adolf Hitler.

Conforme Lenharo (1990, p. 59), “a câmera apanha, em angulações estáticas e simétricas, as insígnias das tropas formadas em gigantescos blocos. Em tomadas de baixo, ascendendo pelos mastros das bandeiras, sublinha as dimensões colossais do congresso.”

Esta obra foi de suma importância para consolidação do poder Nazista no Terceiro Reich. Ao povo, ver os blocos de soldados prontos para o trabalho dava entusiasmo, esperança e segurança para os lares aflitos. A vontade do povo era uma força irracional e incrível, e a quem a tivesse poderia alcançar lugares jamais inimagináveis, de acordo com Lenharo (1990).

No dia 22 de agosto de 1902, nascia a diretora Leni Riefenstahl, natural de Berlim, filha de Alfred Theodor Paul Riefenstahl e Bertha Ida Sherlach, Helene Amalia Bertha Riefenstahl, que queria ser dançarina, mas um problema a fez trocar de profissão. Encantada pelas belas artes da cinematografia, seguiu a carreira de atriz. Seu reconhecimento vem dos filmes como: “Der heilige Berg” (1926) (A Montanha Azul), “Der große Sprung” (1927) (O Grande Salto), “Die weiße Hölle vom Piz Palü” (1929) (O Inferno Branco de Piz Palu), “Stürme über dem Mont Blanc” (1930) (As Tempestades sobre o Monte Branco), “Der weiße Rausch” (1931) (A Chama Branca), “Das Blaue Licht” (1932) (A Luz Azul) e “SOS Eisberg” (1933) (SOS Iceberg). E fora no filme “A Luz Azul” onde ela encarou seu primeiro trabalho como produtora.

Leni Riefenstahl teve forte relacionamento com o Estado Nazista ao longo do regime, enfrentando julgamento no pós-guerra, entretanto foi liberada por falta de provas. E pelo fato do Reich controlar todas as produções sociais da época, ou as atividades cinematográficas se dobravam a sua vontade ou elas eram canceladas pela censura. Morou um tempo na África e passou o resto de seus dias no município de Pocking, onde no dia 8 de dezembro de 2003, com seus 101 anos de idade, veio a falecer. No entanto, mesmo absolvida pelo julgamento do tribunal do pós-guerra, Leni Riefenstahl, com sua obra cinematográfica a serviço do nazismo, ajudou a fazer eclodir o ovo da serpente, metáfora utilizada para o nascimento do nazismo.

3.8 A ECLOSÃO DO OVO DA SERPENTE: HITLER CHEGA AO PODER E O MUNDO MERGULHA NUMA OUTRA GUERRA

O Terceiro Reich Alemão é datado do ano de 1933. Pode ser compreendido como um governo de doze anos, que vai de 1933 a 1945. O Reich teve seu início com a nomeação de Hitler como Chanceler, ou seja, Chefe de Governo da República Parlamentarista. Para

Hitler, “seu” Reich duraria no mínimo mil anos. Entretanto tal duração temporal não houve como já foi destacado.

Em 27 de fevereiro de 1933, um incêndio suspeito foi responsável pela destruição do Reichstag, o parlamento alemão. Os nazistas jogaram a culpa do atentado nos comunistas, porém isso nunca foi comprovado. Desse momento em diante, o governo decreta estado de emergência e cria decretos especiais que suspendem os direitos civis constitucionais. Conforme Shirer (2008), Hitler não perdeu tempo para explorar ao máximo o acontecimento, conseguindo persuadir o Presidente, Hindenburg, a assinar um decreto que suspendia as liberdades civis e individuais, justificando que se tratava de uma medida defensiva necessária para a proteção do povo e do Estado.

Restrições à liberdade pessoal, ao direito de livre manifestação de opinião, inclusive à liberdade de imprensa, aos direitos de reunião e associação; as violações das comunicações privadas telefônicas, telegráficas e postais; e autorizações para buscas domiciliares, ordens para confiscos, bem como restrições à propriedade, são também permissíveis além dos limites legais prescritos em outras instâncias. Adicionalmente, o decreto autorizava o Governo do Reich a assumir o controle total dos Estados da federação quando necessário, e impunha a sentença de morte para certo número de crimes, incluindo “graves perturbações de paz” por pessoas armadas. (SHIRER, 2008, p. 265-266).

É do decreto em diante que Hitler, com sua iniciativa, coloca as rodas do destino em movimento para seu real objetivo, a tomada do poder total por meios jurídicos. É ainda em 1933, conforme Shirer (2008), que ocorre a dissolução do Reichstag e a convocação, por Hitler, de novas eleições nacionais para sua reconstrução. Os dispositivos e mecanismos para o terror já haviam se mostrado eficientes para outros fins e são aplicados também aqui pelos nazistas. Mas apesar de toda a intimidação e terror promovidos durante a campanha, o resultado da eleição provou que ainda havia alguma rejeição ao partido e seu idealizador, pois os candidatos do NSDAP não somaram votos o suficiente para garantir uma maioria absoluta de cadeiras no Reichstag. “Uma clara maioria ainda evitava Hitler” (SHIRER, 2008, p. 268). Após as eleições, apesar de não alcançar os resultados esperados, de acordo com LENHARO (1986), os nazistas iniciaram uma verdadeira limpeza de movimentos contrários a eles, dissolvendo os sindicatos e partidos.

Com a morte do Presidente da República, Marechal-de-campo Von Hindenburg, no dia 2 de agosto de 1934, Hitler assume todos os poderes do governo alemão, acumulando e unindo as funções de Führer (Chefe do partido NSDAP), de Presidente (Chefe de Estado) e Chanceler (Chefe de Governo) do Reich. Sendo que só fora possível tal acumulação devido a uma lei promulgada pelo ministério do Reich no dia anterior à morte do Presidente. Conforme

Shirer (2008), foi abolido o título de Presidente e Hitler passou a ser conhecido como Führer e chanceler do Reich, significando que ele passou a ter plenos poderes sobre o governo, o povo, o Estado. A partir daí, o Führer passou a exigir um juramento de fidelidade de todos os oficiais, nos seguintes termos:

Faço perante Deus este sagrado juramento de que renderei incondicional obediência a Adolf Hitler, o Führer do povo e do Reich alemão, supremo comandante das forças armadas, e de que estarei pronto como um corajoso soldado a arriscar minha vida a qualquer momento por este juramento. (SHIRER, 2008, p. 308).

Após assumir a presidência da Alemanha, juntamente com o cargo que seu partido lhe conferia e a Chancelaria, Hitler quis medir sua aprovação perante o povo e “deu-se ao luxo de expor-se a um plebiscito, que viria a referendar, ou não, sua política de Estado” (LENHARO, 1986, p. 31). Esperando conseguir uma taxa de aprovação de “humildes” cem por cento, fato que o desapontou, pois não ocorreu tal aceitação. “Hitler foi obrigado a amargar 30% de não” (LENHARO, 1986, p. 31).

Ressalta-se que Lenharo aponta setenta por cento do povo alemão a favor do seu líder, no entanto Shirer (2008) e Klemperer (1999) afirmam que o resultado foi consideravelmente superior. Shirer (2008) apresenta números que batem a casa dos noventa por cento de aceitação. Já Klemperer (1999) afirma que o total dos votos a favor de Hitler foi de noventa e três por cento, o que significa números exorbitantes em relação à aprovação de um governo. Os resultados indicavam que mais de quarenta milhões de pessoas apoiavam a tomada do poder por Hitler. Os olhos do mundo estavam pousados na Alemanha. Entretanto, a eleição foi totalmente reconhecida pelo exterior, uma vez que eram obrigados a aceitar e ver “‘a Alemanha inteira’ atrás de Hitler” (KLEMPERER, 1999, p. 47).

Agora com o poder unificado em suas mãos e com “total” aprovação interna e externa de seu governo, o Führer tinha como principal preocupação o bem estar do povo alemão. Ao seu modo, o inimigo a ser combatido agora seria o desemprego. Para tal, o governo nazista toma medidas para elevar os gastos públicos e facilitar o crédito. Há também a retirada da população judaica do mercado de trabalho e incentivo aos casamentos, a fim de realocar as mulheres nas casas fora das ruas e dos empregos dos maridos.

Neste sentido Lenharo (1986) nos indica que foi instituída a Lei de Depuração e com ela deu-se início ao “expurgo nas administrações e repartições públicas eliminando esquerdistas, judeus e democratas” (LENHARO, 1986, p. 29). Nesse mesmo ano, julho de 1933, entra em vigor a lei de esterilização dos doentes hereditários. Um pouco depois, em setembro, é fundada a Câmara de Cultura do Reich, à qual todos deveriam submeter-se. Com

o advento da centralização da cultura, os artistas e intelectuais se veem privados da “liberdade de expressão e de organização” (LENHARO, 1986, p. 29). A Gestapo, polícia secreta do Estado, também é fundada nesse mesmo ano de 1933.

De acordo com Shirer (2008), voltando-se para a questão da economia, Hitler consulta o presidente do Reichsbank, Hans Luther, sobre o que o banco poderia contribuir para o combate ao desemprego e escutou uma resposta que não lhe agradou. Passado algum tempo, indagou o senhor Hjalmar Horace Greeley Schacht, um importante banqueiro alemão, economista responsável pelo fim do processo de hiperinflação alemã em 1923. Schacht lhe deu uma resposta que o agradou imensamente. O Reichsbank devia fazer o que fosse necessário para retirar o último desempregado das ruas. Era exatamente o tipo de comprometimento que Hitler queria no seu governo, e convidou Schacht para ocupar novamente a presidência do Reichsbank, em março de 1933.

No primeiro ano, a política econômica nazista, em grande parte determinada pelo dr.Schacht [...], se destinava principalmente a fazer o desempregado voltar ao trabalho por meio de uma enorme expansão das obras públicas e do estímulo à iniciativa privada. O crédito governamental foi fortalecido pela criação de fundos especiais de desemprego, concedeu-se generosamente isenção de impostos às firmas que elevassem seus gastos de capital e aumentassem o emprego. (SHIRER, 2008, p. 349).

Neste sentido, visando diminuir o desemprego, o governo fomentou a criação de empregos na área de construção civil, para abarcar e combater a crise que o povo vinha passando. Este setor absorvia grande parte da mão-de-obra e, conseqüentemente, ocorreu assim uma grande expansão dos investimentos das obras públicas. A exemplo disso, Shirer (2008) aponta a construção das autobans, autoestradas seguras e de alta velocidade, que cruzam a Alemanha, como um exemplo do alto investimento nazista no setor civil. Além do incentivo à iniciativa privada.

O incentivo incansável ao combate ao desemprego obteve um retorno muito aceitável tanto para o Führer quanto para as massas. O desemprego fora sendo reduzido, ano após ano, muito devido aos altos investimentos na indústria bélica. Uma vez que “a base real da recuperação da Alemanha foi o rearmamento, para qual o regime nazista dirigiu as energias das indústrias e do trabalho.” (SHIRER, 2008, p. 349).

Passado o tempo, o problema do desemprego não era mais tão grave quanto antes. A fome e o frio eram amigos do passado. De forma geral, o setor industrial conseguiu ótimos resultados no governo Nazista, assim como a agricultura. A Alemanha tinha uma autossuficiência que lhe rendia méritos. Isto se dá quando o governo lança o Plano Quadrienal, em setembro de 1936. Seu dirigente era Hermann Göring. Era o prelúdio da guerra. A

Alemanha caminhava cada vez mais para uma economia voltada à guerra, conforme análise de Shirer (2008).

O referido Plano tinha como objetivo tornar o país autossuficiente em apenas quatro anos, prevendo um possível bloqueio econômico que possivelmente poderia sofrer durante a guerra. Shirer (2008) lembra que as importações foram reduzidas ao máximo; controles de salários e de preços foram impostos; as indústrias se voltaram para a elaboração de matérias-primas da própria Alemanha e eram orientadas pelo Estado sobre o que deviam produzir, a quantidade e o preço.

[...] O conjunto da economia alemã veio a ser conhecido na terminologia nazista como Wehrwirtschaft, ou economia de guerra. Ela devia deliberadamente funcionar não apenas no tempo de guerra, mas também no período de paz que antecede a guerra. O general Ludendorff [...] acentuava a necessidade de mobilização da economia nacional na mesma base totalitária de tudo o mais, a fim de prepara adequadamente a guerra total. (SHIRER, 2008, p. 349).

Outro fato que Shirer aponta é que os “nossos armamentos [da Alemanha] são praticamente financiados com os créditos de nossos inimigos políticos” (SHIRER, 2008, p.351), isto é, para financiar as despesas das indústrias bélicas foram usados os fundos confiscados dos inimigos do Estado, em sua maioria Judeus, e outros tomados de contas estrangeiras bloqueadas. O Estado estava pagando por sua campanha com o sangue dos inimigos.

Toda essa empreitada militarista já estava em curso muito antes do anunciado pelo governo alemão ao público. E tudo o mais acerca desse assunto era segredo militar, segredo de Estado e nada poderia vazar até 1 de outubro de 1934, data em que o Führer tornaria público o “seu programa de reerguimento das forças armadas alemãs” (SHIRER, 2008, p.377).

Entretanto, fora no dia 16 de março que Hitler anunciou abertamente o programa militar alemão. “O chanceler promulgou uma lei estabelecendo o serviço militar universal” (SHIRER, 2008, p.381). Formando uma força composta de 12 corpos e 36 divisões, somando meio milhão de homens. Os ferros do tratado de Versalhes, o símbolo da humilhação alemã, foram quebrados. As massas estavam em êxtase pelas ruas. Comemorações e festas eram ouvidas em todas as partes da Alemanha. Como era de se esperar, os aliados não gostaram e protestaram, no entanto nada a mais o fizeram como previa Hitler, conforme Shirer (2008).

A humilhação fora combatida, as correntes abertas, esse era o sentimento de toda uma nação. Contudo, Hitler não queria os aliados bisbilhotando, indagando ou até mesmo

mandando comissões sob a bandeira da Liga das Nações para fazer inspeções em suas “fábricas” que trouxeram a estabilização econômica, de acordo com Shirer (2008).

No dia 21 de maio, à noite, Hitler pronunciou outro discurso de “paz” diante do Reichstag, talvez a mais eloquente e possivelmente a mais hábil e enganadora de todas as declarações [...]. Hitler apresentou-se num estado de confiança mas, para a surpresa de seus ouvintes, de tolerância e conciliação. Não manifestou qualquer ressentimento ou desafio em relação as nações que condenaram o abandono que tinha de fazer das cláusulas militares do Tratado de Versalhes. Ao contrário, dava a garantia de que tudo que pretendia era a paz e a compreensão baseada na justiça para todos. Rejeitava a própria ideia da guerra, porque ela não teria sentido, seria inútil e, mesmo, um horror. (SHIRER, 2008, p.383).

Vendo que sua popularidade era incontestável, Hitler passou a pôr em prática sua política expansionista. Com o intuito de trazer os alemães de volta a pátria mãe. Anteriormente, o Führer já tinha ocupado a região da Renânia. E em “12 de março de 1938 [...] a Áustria deixou de existir” (SHIRER, p.431), anexando-se ao Império Alemão. Tudo feito por meio de um plebiscito no qual o povo austríaco aprovou a incorporação do seu território a Alemanha. Sobre o fato da região ser povoada por alemães, esse processo ficou conhecido como Anschluss.

Diante da indiferença da França e da Inglaterra em relação a sua política expansionista, Hitler encorajou-se a invadir a Tchecoslováquia, mais precisamente uma região chamada de Sudetos, em março de 1939. Entretanto, dessa vez, houve sim resposta dos franceses e ingleses. Convocaram uma conferência a ser realizada em Munique, a fim de discutir o futuro da Tchecoslováquia. Tal conferência fora realizada sem muitos problemas, com a presença do primeiro-ministro inglês e do primeiro-ministro francês. Com Benito Mussolini agindo como árbitro, o resultado fora favorável para Hitler, que teve a permissão para ocupar a região. Entretanto, “antes mesmo da ocupação militar pacífica dos Sudetos ter sido completada, Adolf Hitler expediu uma mensagem urgente [...]” (SHIRER, 2008, p. 565) com o intuito da dominação total dos territórios Tchecos.

Os representantes das nações aliadas, o inglês Chamberlain e o francês Daladier, foram recebidos como heróis em casa, pois haviam conseguido negociar pacificamente e de maneira diplomática com Hitler, e assim parar a expansão do Império Alemão. Entretanto, Hitler não cumpre o acordo firmado em Munique e ocupa o restante da Tchecoslováquia.

Ai esta um novo ponto decisivo para o Terceiro Reich. Pela primeira vez Hitler se encontra a um passo da conquista de terras não-germânicas. Há seis semanas assegurava a Chamberlain, em público e privadamente, que os Sudetos eram sua ultima reivindicação territorial na Europa. E apesar de o primeiro-ministro ter sido mais ingênuo do que era admissível ao aceitar a palavra de Hitler, havia algum fundamento para se acreditar que o ditador alemão se deteria quando tivesse absorvido os alemães que viviam anteriormente fora das fronteiras do Reich e que

agora, estavam dentro. Não tinha ele, em minha luta e em numerosos discursos públicos, reiterado a teoria nazista de que a Alemanha, para ser forte, precisava tornar-se racialmente pura, e não devia receber povos estrangeiros, sobretudo eslavos? Sim, tinha. Mas igualmente – e talvez isto tenha sido esquecido em Londres – ele preconizara em muitas das indigestas páginas de minha luta que o futuro da Alemanha residia na conquista do Lebensraum no leste. Por mais de um milênio esse espaço fora ocupado pelos eslavos. (SHIRER, 2008 p. 567).

No dia 1 de setembro de 1939, Adolf Hitler deu a ordem e a Polônia foi invadida. Dois dias após o ocorrido, França e Inglaterra assinam a declaração de guerra contra a Alemanha. No dia 3 de setembro de 1939, o fogo arde novamente na Europa. Dá-se início a Segunda Guerra Mundial. A serpente contra-ataca.

4 CONCLUSÃO

O propósito deste estudo monográfico foi analisar e mostrar o uso da propaganda política nazista para alcançar o objetivo final de Adolf Hitler: chegar ao mais alto posto da política alemã, a fim de colocar suas crenças em prática, para que assim, por sua visão, alcançar um Reich verdadeiramente forte e poderoso no cenário europeu do século XX.

Com o propósito de elucidar as bases que forjaram a figura mítica do Führer, iniciou-se este estudo monográfico, caracterizando o mundo europeu do século XIX, suas políticas imperialistas, a partilha do globo terrestre pelas potências europeias e o desejo da Alemanha de entrar nesse joguete de metrópoles e colônias a fim de fomentar seu recente império.

Políticas imperialistas que acabam por deixar o velho continente dividido e os países que o formam ficarem com suas relações em um estado extremo de tensão. Onde o menor deslize nas relações exteriores culminaria em uma Guerra, tendo como atores os países Europeus. Evento que, de fato, se concretizou com consequências trágicas para todos os envolvidos nesta aventura, que se tornou uma desventura.

Temos a derrota da Alemanha nessa guerra de proporções trágicas, contudo as questões não foram resolvidas com o seu desfecho repleto de equívocos do ponto de vista da diplomacia. As negociações pautadas em desejo de vingança deixaram um terreno fértil para o cultivo de ideias de revanche, menosprezo pelos vencidos e ódio e repulsa pelos países vitoriosos. Cenário este que acabou por transformar um soldado, filho de Viena, numa espécie de herói, ou anti-herói, que se pretendeu vingador da dignidade germânica e mergulhou os alemães e a Alemanha numa aventura trágica.

Objetivando a compreensão do quadro geral, este estudo monográfico se propôs a indicar fatos que comprovassem que a República de Weimar estava fadada ao fracasso desde o início. A insatisfação popular colaborou muito para esse fracasso, e além do mais, uma questão importante eram as injuriosas taxas de guerra cobradas pelos países vencedores à Alemanha, jogando toda a responsabilidade da Guerra nas costas do Império Alemão.

Em meio a esse cenário de destruição, dívidas e uma economia negativa, um verdadeiro caos nacional, um país em séria crise econômica, social, cultural e existencial. A soma das diferentes manifestações da crise, e seus reflexos na vida das pessoas, posta na mesa e se bem “servida” e “ajeitada” seria, como foi, um poderoso instrumento de manobra das massas para atender aos interesses de poucos.

A propaganda Nazista teve um teor muito forte nos anos que antecederam a ascensão de Hitler, sobretudo, nos anos posteriores de seu “reinado”. Com o objetivo de transmitir sua mensagem, o mais clara e diretamente possível, para que os receptores de tais ideias pudessem entender facilmente, os nazistas se utilizaram de todos os meios técnicos e artísticos disponíveis na época, desde o rádio ao cinema, do líder carismático ao “homem-massa” que agia com truculência nas suas relações cotidianas em defesa das ideias que vagamente compreendia, mas a experimentava com orgulho em seu corpo.

“Dai pão a quem tem fome”, em suma, era isso que representava o movimento propagandista de Hitler. Ele expressava tudo aquilo que o povo queria ver, ouvir e possuir, por meio da propaganda, conquistando o coração da nação. Entretanto, não somente a propaganda causou o “Fator Hitler”, mas também um caldeirão de questões internas e externas a Alemanha, mas muito presentes nos sentimentos contraditórios das lideranças europeias que, no princípio, acreditaram que Hitler poderia livrá-los do perigo que o comunismo de Stálin poderia representar para o liberalismo europeu.

Então, não somente o carisma de Hitler, ou sua eximia propaganda, seus fantásticos filmes ou suas paradas em prol do moral Alemão levaram a ascensão do Terceiro Reich. Mas foi também a combinação de todos esses fatores, num país em crise, com um povo desiludido e propício para acolher ideias enérgicas, receptivos a aparição de um homem com discursos messiânicos. Juntando todos os fatos que foram supracitados temos a receita ideal para o aparecimento de um Regime Totalitário impar em todos os séculos da história do homem até então.

O Nazismo foi esse regime, que retirou seu povo de uma profunda crise existencial, econômica, cultural e social, proporcionando-lhe, aparentemente melhorias consideráveis nas mais diversas áreas, introduzindo a cultura às massas, alavancando a economia, porém com propósitos que se revelarão verdadeira falácia. Perante o mundo, era um país renovado, mas com uma máscara de ferro que iria revelar-se em acontecimentos futuros, culminando com a Segunda Guerra Mundial.

Por fim, a pergunta “Hitler ainda pode acontecer?” é uma questão válida. A resposta está contida nas páginas que você acabou de ler. A pressão do povo, a desilusão de um Império, o revanchismo. A necessidade do homem se mostrar superior ao outro. O gosto de humilhar o diferente. Isso tudo pode justificar o aparecimento de um regime, de um líder eleito democraticamente que por fim toma as rédeas de um governo totalitário endossado pela sua própria nação.

A verdadeira questão aqui é; devemos tomar cuidado com o rumo a que uma sociedade é levada, as sistemáticas crises, os escândalos, o descaso dos governantes para com o povo. Tudo isso é um terreno fértil, com amplas condições para que um segundo Hitler apareça na história. E não precisamos ir ao extremo globo para verificar um terreno como esse, se você pensou na Síria ou outro país. A crise vivenciada no Brasil seria um palco propício para o aparecimento de um “salvador” com as características de um Hitler?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ângela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- ARENDT, Hannah. **O Sistema Totalitário**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978.
- BARTOLETTI, Susan Campbell. **A juventude hitlerista: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram**. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- BERNER, Jayme, **1929: A crise que mudou o mundo**, São Paulo, Ática, 1996.
- BROAD, C. Lewis. **Winston Churchill, a biography**. Greenwood Press, 1972 Ediouro, 2. edição, 2000.
- DIEHL, Paula. **Propaganda e persuasão na Alemanha nazista**, São Paulo: Annablume, 1996.
- DOMENACH, Jean. **A Propaganda Política**, Difusão Europeia, 1955.
- ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- FIORINI, Mauro. **Breve história do Fascismo**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1963.
- GAY, Peter. **A Cultura de Weimar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler**. Tradução de Luís Sérgio Roizman. 2.ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997
- GOLDIM, José Roberto. **Eugenia**. Artigo do site Bioética e Ética na Ciência. Abril, 1998. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm> Acesso em: 12 abril 2017.
- HENIG, Ruth. **As origens da Segunda Guerra Mundial 1933-1939**. Tradução de Lélío Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- HITLER, Adolf. **Minha luta**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. Companhia das Letras, 1995.
- _____. **A Era dos Impérios**. Paz e Terra, 2012.
- HOBSON, J.A. (1906) **A Evolução do Capitalismo Moderno**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- HOWARD, Michael. **A conspiração ocultista: a história secreta dos místicos, templários, maçons e das sociedades ocultistas**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

HUNT, E.K. **Historia do pensamento econômico**: uma perspectiva critica. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

JUARES, Potemkine. **As Causas da Primeira Guerra Mundial**. Lisboa: estampa 1977.

KLEMPERER, Victor. **Os diários de Victor Klemperer**: testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista, 1933-1945. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KOCH, Hannsjoachim W. **A juventude Hitlerista** - mocidade traída. Rio de Janeiro: ed. Renes Ltda, 1973.

KUBIZEK, August. **Adolf Hitler**: mein jugendfreund. In: FEST, Joachim C. Hitler. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. Coleção Os Ditadores que Abalaram o Mundo.

LENHARO, Alcir. **Nazismo**: o triunfo da vontade. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MIRANDA, Jorge (org. e trad.). **“A Constituição de Weimar”**. In: ____ . Textos históricos do Direito Constitucional. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1980.

REMARQUE, Erich Maria. **Sem Novidades no Front**. Jose Olympio, 1951.

RIBEIRO JUNIOR, João. **O que é nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RICHARD, Lionel. **"A República de Weimar"**. Rio de Janeiro, Editora Companhia das Letras, 1983.

RIEFENSTAHL, Leni. **Memoiren – 1902-1945**. Berlim: Ullstein GmbH, 1995.

_____. **Site oficial**. Disponível em: ><http://www.leni-riefenstahl.de/>>. Acesso em: 24 abril 2017.

ROBERTS, J.M. **História do Mundo**: da Pré-História à Idade Contemporânea. Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Luís César Barreto. **A primeira Guerra Mundial**: a grande guerra: a paz dos vencedores: os legados da guerra. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1985.

SHIRER, William Lawrence. **Ascensão e queda do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**: historia completa. Editora Contexto, 2013.

WEITZ, Eric D. **Weimar Germany**: Promise and Tragedy, Princeton: Princeton University Press 2007.

WELCH, David. **The Third Reich – Politics and Propaganda**. Londres: Routledge, 2002.

WEPMAN, Dennis. **Os Gandes Lideres**: Hitler. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

FILMES:

GOEBBELS, Joseph. **Hitlers Helfer Gobbels** – Der Brandstifter, Direção e montage Peter Hartl, Guido Knopp 1996 ~93min.

RIEFENSTAHL, LENI. **O Triunfo da Vontade**. [Filme-vídeo]. Produção, direção e montagem de Leni Riefenstahl, roteiro de Leni Riefenstahl e Walter Ruttmann. Alemanha, Partido Nacional Socialista Alemão (NSDAP), 1935 ~110min. P&b.son.